

INTERCÂMBIO

## Dificuldade linguística

A suspensão das universidades portuguesas do edital do Ciência sem Fronteiras evidenciou um problema já detectado no âmbito das universidades públicas que aderiram ao programa do governo federal: a falta de domínio de um segundo idioma pelos estudantes brasileiros limita suas opções de mobilidade acadêmica. Mas quais são as causas desse problema? O JU conversou com especialistas da área para entender a questão. **P8**

ASTROFÍSICA

## Grupo estuda fenômeno ótico

Pesquisadores do Instituto de Física da UFRGS, liderados pela professora Cristina Furlanetto, publicaram um artigo na prestigiada revista *Monthly Notices of the Royal Astronomical Society*, da Oxford University Press, sobre os arcos gravitacionais – fenômeno bastante raro que pode contribuir como nova comprovação da Teoria da Relatividade formulada por Albert Einstein. **P11**

COMISSÃO DA VERDADE

## Compromisso com a democracia

O esclarecimento sobre o que ocorreu durante o regime ditatorial militar brasileiro é o foco da atuação da Comissão Nacional da Verdade. A propósito desse tema, a UFRGS recebeu no mês passado o primeiro coordenador da Comissão, Cláudio Lemos Fonteles, que ministrou a Aula Magna na abertura do ano letivo. Recentemente, a Universidade também realizou um evento para lançar o livro “Memórias da Resistência e da Solidariedade”, ao qual compareceram as ativistas Lilián Celiberti e Adelina de Alaye. O JU publica duas reportagens em que a defesa da democracia está no centro do debate. **P5 e P9**

CADERNO JU

# Desafio de ensinar

## Licenciaturas e Pedagogia na atual formação docente



FOTOS: FLAVIO DUFRAY/JU



CONTRABAIXO

## A arte de tocar com leveza

**P13**

PORTAS ABERTAS

## UFRGS acolhe milhares de alunos de ensino médio

**P6**

**Mobilizações sociais**

Novas formas de participação política agitam as ruas **P4**

**Sociologia**

Os impactos sociais da crise sobre a população portuguesa **P10**

## Espaço da Reitoria

Rui Vicente Oppermann, vice-reitor  
Sandra de Deus, pró-reitora de Extensão

# Lugar de diálogo e acolhimento

A universidade é o lugar da formação por excelência. Nela se qualificam os profissionais que irão atuar nas diferentes áreas do conhecimento e que dialogam com a sociedade para aprofundar as pesquisas que encontrarão respostas para as dúvidas da humanidade. É na relação entre as práticas internas da instituição universitária e as expectativas sociais que se encontram soluções para as questões de diferentes graus de complexidade que diariamente permeiam os laboratórios e as salas de aula. Mas a percepção dessa vida dinâmica só é possível pela vivência dos “fazeres” da universidade, que se apresentam para a apreciação de todos os cidadãos. Se não for assim, ela perde o sentido de ser para a sociedade, deixando de fazer jus à elevada pontuação de qualidade nos rankings nacionais e internacionais. Estamos celebrando o mês de maio, que nos apresentou o verdadeiro sentido de universidade: uma instituição capaz de acolher e de ser acolhida pela sociedade.

Um dos eventos mais esperados do ano, teve início o ciclo de conferências Fronteiras do Pensamento, com a presença de Karen Armstrong. Até novembro, passarão pelo Salão

de Atos personalidades como Manuel Castells, António Damásio, Kwame Appiah, Peter Singer, Leymah Gbowee, José Ramos-Horta, Perry Anderson e Paul Zak. A celebração da liberdade e da democracia foi o tema da Aula Magna com Cláudio Lemos Fonteles, integrante da Comissão Nacional da Verdade, criada pela Lei n.º 12.528/2011 e instituída em maio de 2012 para apurar as violações aos Direitos Humanos, ocorridas entre 1946 e 1988.

Aplaudido pela qualidade e longevidade – são 32 anos de espetáculos –, o Projeto Unimúsica, *Série Lusamérica, Canções*, celebra o Ano de Portugal no Brasil. Aberto com a participação de Teresa Salgueiro, até o final do ano terá ainda nomes como Maria João, o duo brasileiro de Susana Travassos e Chico Saraiva, Carminho e António Zambujo. Dos sons de Portugal para uma produção acadêmica e uma plateia encantada, houve o lançamento do CD *Balada para o avião que deixa um rastro de fumaça no céu/ estética do frio II*, de Celso Loureiro Chaves. Da produção acadêmica para a performance, tivemos no Vale Doze e Trinta a apresentação *Nós que Aqui Estamos*, do Grupo MEME, que

se utiliza da linguagem do teatro e da dança contemporânea.

Por fim, recebemos com grande orgulho a classificação feita pelo QS World University Rankings, colocando cursos nossos entre os melhores do mundo. A companhia inglesa divulgou a lista por área das 200 melhores universidades do planeta. A UFRGS está entre as cem instituições de ensino superior mais bem cotadas em duas categorias: na área das Ciências Agrárias e Florestais e na área das Ciências da Terra e Marinha. A Universidade também está entre as 150 melhores nas áreas da Educação, Engenharia Civil, de Produção e Ambiental, Farmácia e Sociologia; e entre as 200 melhores nas áreas da Química, Engenharia Química, Medicina e Psicologia.

Assim é uma universidade se fazendo e refazendo em toda a sua essência, o que pode ser percebido todos os dias, mas particularmente em um dia de Portas Abertas para a comunidade – projeto que, em sua décima primeira edição, acolheu estudantes do ensino médio de todo o estado, que encontram na UFRGS a melhor universidade do Brasil.

**UFRGS**

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL  
Av. Paulo Gama, 110 - Bairro Farrópilha,  
Porto Alegre - RS | CEP 90046-900  
Fone: (51) 3308-7000 | www.ufrgs.br

**Reitor**  
Carlos Alexandre Netto  
**Vice-reitor**  
Rui Vicente Oppermann  
**Chefe de Gabinete**  
João Roberto Braga de Mello  
**Secretário de Comunicação Social**  
Ricardo Schneiders da Silva

JORNAL DA UNIVERSIDADE  
Publicação mensal da Secretaria de  
Comunicação Social da UFRGS  
Fones: (51) 3308-3368 / 3308-3497  
Email: jornal@ufrgs.br

**Conselho Editorial**  
Cassiano Kuchembecker Resing, Cesar Zen  
Visconcellos, Dalro José Nunes, Edson Luiz  
Lindner, Fernando Cotanda, Flávio Porcello,  
Maria Heloisa Lenz, Maria Henriqueta  
Luce Kruse, Ricardo Schneiders e Rudimar  
Baldissera

**Editora** Ánia Chala  
**Subeditora** Jacira Cabral da Silveira  
**Repórteres** Ánia Chala, Everton Cardoso,  
Jacira Cabral da Silveira e Samantha Klein  
**Projeto gráfico** Juliano Bruni Pereira e  
Kleiton Semensatto da Costa (CADERNO JU)  
**Diagramação** Kleiton Semensatto da Costa  
**Fotografia** Flávio Dutra (editor)  
**Revisão** Antônio Falcetta  
**Bolsistas** Gustavo Duarte Fagundes,  
Júlia Corrêa, Manuela Martins Ramos e  
Rafaela Pechansky (Jornalismo); Júnior Sérgio  
Schneider (Relações Públicas)  
**Circulação** Márcia Fumagalli  
**Fotolitos e Impressão** Gráfica da UFRGS  
Tiragem 12 mil exemplares

f /jornaluniversidade  
t @jornalufrgs

## Mantenha-se atualizado

Quer ser avisado sobre as novas edições do JU? Então entre em contato pelo endereço [jornal@ufrgs.br](mailto:jornal@ufrgs.br), solicitando a inscrição do seu email em nossa lista de contatos. Assim, a cada nova edição, você receberá uma mensagem e poderá pegar a edição impressa no local mais próximo ou conferir a edição online pelo endereço eletrônico [issuu.com/jornaluniversidade](http://issuu.com/jornaluniversidade). Acompanhe também as novidades do JU no Facebook, em [facebook.com/jornaluniversidade](https://www.facebook.com/jornaluniversidade).

## Memória da UFRGS

LUME/UFRGS



## Década de 1980

Obras de construção das arquibancadas e do aquário do Ceclimar em Imbé. O Centro, que em 25 de maio completou 35 anos de fundação, desenvolverá uma programação comemorativa de 1.º a 5 de julho.

## Artigo

# Para que serve um Grupo de Pesquisa?

Os grupos de pesquisa se formam pela reunião de alguns pesquisadores e vários alunos e orientandos. Quanto mais qualificado o Programa de Pós-graduação, quanto mais artigos científicos publicados em boas revistas, melhor será o grupo, certo?

Talvez! Hoje a qualidade da pesquisa é medida pela qualidade das publicações e das revistas científicas nas quais os artigos são publicados. Mas será esse o melhor indicador de desempenho? Quais seriam os outros indicadores a serem considerados?

Como coordenadores do Grupo de Pesquisa em Sustentabilidade e Inovação (GPS), nos perguntamos: o que devemos dizer aos bolsistas de iniciação científica, mestrandos e doutorandos que participam do GPS para que leiam muitos artigos, para que aprendam os mais diversos métodos de pesquisa, para que sejam capazes de escrever bons projetos? Isso será suficiente para formar as pessoas que estão sob nossa orientação?

O GPS do Programa de Pós-graduação em Administração conta com cerca de 30 participantes nas suas reuniões quinzenais, havendo ainda os participantes a distância – egressos que foram para o mercado de trabalho ou para universidades de diversas regiões do Brasil, mas que continuam conectados ao trabalho de pesquisa. As festas de final de ano costumam ser o mo-

mento de reencontro. Trata-se de um grupo que se destaca no cenário nacional pela pesquisa em diversos temas relacionados à sustentabilidade e que desenvolve projetos de extensão, nos quais se coloca a teoria em prática. Nos eventos nacionais da área, costumam chamar o pessoal do GPS de “gauchada buena”.

Sem dúvida, ser produtivo é muito importante, mas nossos orientandos não são maquininhas de escrever artigos, dissertações e teses. Eles são os nossos “pupilos”, nossos futuros colegas, talvez nossos futuros chefes e, antes de tudo, nossos amigos. E qual a melhor forma de contribuir para o futuro dos nossos pupilos, dos nossos amigos queridos? Tratá-los com respeito, com amor, tendo paciência, fazendo as cobranças nas horas e na quantidade certa. Eles estão na faixa dos 20 aos 30 anos, no auge do seu potencial intelectual, mas cheios de dúvidas, de inseguranças e com certo temor sobre o seu futuro.

Os professores recém-concursados costumam ser bem recebidos pelos professores seniors nos programas de pós-graduação. Já os doutorandos, mesmo os que estão em fase final de seus cursos, continuam sendo “tratados como alunos”, como alguém que precisa ser pressionado a todo o momento a cumprir prazos, a publicar, a fazer isto ou aquilo. Mas qual a diferença entre um doutorando no final do seu curso e um professor

recém-concursado? Alguns meses!!!! Da mesma forma, a diferença entre um pós-graduando e seu professor são alguns poucos anos. Eles estão em momentos diferentes das suas vidas.

O GPS não é melhor que qualquer outro grupo de pesquisa, mas é diferente da maioria porque não enxerga diferenças entre professores e alunos, entre doutorandos e mestrandos, entre mestrandos e graduandos. Obviamente, cada um tem um papel a cumprir. O doutorando trabalha com o mestrando não como seu chefe, mas como um irmão mais velho. As relações são simbióticas. Nas reuniões do GPS surgem muitas ideias, algumas são implantadas, outras não, dependendo do comprometimento do grupo com a iniciativa. Poderíamos ser mais produtivos? Claro que sim! Mas aprendemos também com as nossas falhas, com a nossa inoperância em determinados momentos. Isso tudo vai aparecer em nossas reuniões de avaliação quando prometemos a nós mesmos que seremos melhores no próximo ano.

Mais do que formar pesquisadores produtivos, buscamos formar cidadãos, futuros líderes de grupos de pesquisa. Como professores e orientadores, queremos que nossos orientandos sejam melhores do que nós, que tenham mais paciência, mais amor e que sejam capazes de fazer os seus alunos e orientandos se apaixonarem pelo ato de pesquisar e ensinar. Que profissão no mundo

permite alguém passar a sua vida aprendendo e ensinando, convivendo com pessoas inteligentes e sendo respeitado pelos mais jovens, pelos colegas e pelos seus chefes?

Esperamos que os nossos alunos e orientandos nunca esqueçam de que fazer ciência é trabalhar para resolver os problemas dos outros. É simplificar o complicado. Pode-se dizer que é simples falar e escrever de forma complicada, o complicado é falar e escrever de forma simples. Pesquisar sobre sustentabilidade exige comprometimento com as transformações sociais e ambientais, tem que ter vontade de mudar o mundo.

Para que serve um grupo de pesquisa? Para formar cidadãos conscientes, comprometidos com a produção e difusão de conhecimento. Mas sem nunca esquecer as lições dos grandes mestres como Kaplan:

“No começo da minha jornada, eu era ingênuo. Eu ainda não sabia que as respostas desaparecem enquanto a pessoa continua a viajar, que há apenas mais complexidade, que há ainda mais inter-relações e mais perguntas” (Kaplan, R.D.).

**Luís Felipe Nascimento,**  
**Márcia Dutra Barcellos e**  
**Daniela Callegaro de Menezes**

Coordenadores do Grupo de Pesquisa em Sustentabilidade e Inovação

## Música

## Performance para além do talento

Com o objetivo de mostrar as etapas envolvidas nos processos de criação artística, chegou à sua quarta edição o *Congresso Internacional Performa – Encontros de Investigação em Performance*. O evento, centrado na pesquisa em desempenhos musicais, reuniu representantes de importantes instituições em uma programação que ocorreu no Instituto de Artes da UFRGS entre os dias 31 de maio e 2 de junho. O sucesso das edições anteriores acabou por atrair numerosos participantes: foram mais de 150 inscritos e 116 trabalhos enviados de países como Estados Unidos, Austrália e China. O encontro teve um perfil híbrido, contemplado por trabalhos tanto acadêmicos quanto científicos.

O Comitê Organizador contou com a presença de três renomados pesquisadores internacionais: Eric Clarke (Universidade de Oxford), Paulo de Assis (Universidade Nova de Lisboa e Orpheus Institute/Ghent) e Luca Chiantore (Musikeon/Escola Superior de Música de Catalunya). O encontro vem ocorrendo como consequência do desenvolvimento da subárea da performance, que se consolidou como parte de uma conjuntura histórica marcada pela transformação da maneira como a pesquisa é concebida. A professora Catarina Domenici, organizadora do evento, destaca que participar do Performa é uma ótima oportunidade para entender o processo de aprendizado dos artistas e mostrar o que está por trás daquele resultado: “O desempenho que vemos no palco é fruto de um longo período de treino, de prática; não se resume ao talento”. Sobre a música ser o objeto de pesquisa, o professor Luca diz que “o momento musical não é apenas uma oportunidade para se viver emoções, mas também para trazer um novo significado à forma como nos comunicamos”. Assim, para ele, é essencial que o músico esteja consciente das atuais dimensões culturais e sociais de suas atividades.

A partir de 2007, o Performa tornou-se um congresso bienal de âmbito internacional, apoiado pela Universidade de Aveiro, pelo Instituto de Etnomusicologia - Centro de Estudos em Música e Dança (INET-MD) e pela Fundação para a Ciência e Tecnologia do Ministério da Educação e da Ciência de Portugal. Em sua quarta edição, foi a primeira vez que o evento ocorreu em outro país: o Programa de Pós-graduação em Música da UFRGS foi escolhido como sede em função do seu perfil de excelência em pesquisa e produção artística, bem como pela localização estratégica do Rio Grande do Sul em relação aos países do Mercosul. Catarina observa que “o evento facilita a aproximação com artistas-pesquisadores dos países vizinhos, pouco representados nas edições anteriores, além de fomentar o diálogo entre pesquisadores e instituições de outros continentes.

Indo além do modelo tradicional de apresentações em painéis ou comunicações, o congresso tem se distinguido de outros encontros acadêmicos pela inclusão das conferências-recitais. O professor Luca destaca o prestígio do encontro, lembrando que existem poucas iniciativas do tipo atualmente: “Participar do Performa significa viver alguns dias cercado de novas ideias e de novas perspectivas sobre música. É, realmente, uma profunda emoção”, conclui.

O professor Luca Chiantore (ao piano) realizou um concerto com a participação do pianista David Ortola no segundo dia do evento



DANI GARCIA SAUS/DIVULGAÇÃO



## Em Sintonia Com

## Araci Esteves: “O glamour está no olho de quem vê”

“Nasci em 21 de janeiro de 1939, me formei no Curso de Arte Dramática da UFRGS em 1964 e desde lá sou atriz”. Essas foram as palavras de Araci Esteves, quando solicitado que se apresentasse para nossas câmeras. Sua estreia no palco ocorreu aos oito anos, em uma quermesse organizada com o objetivo de angariar fundos para sua escola. Porém, a primeira vez que ela se deu conta de que seu desejo era ser atriz foi com 14 anos, ao ganhar um ingresso para *Otelo*, no Teatro São Pedro, e assistir à atuação de Paulo Autran e Tônia Carrero. “Saí dali com plena consciência de que era aquilo que eu queria fazer”, revelou.

De acordo com Araci, o curso de Teatro desempenhou papel fundamental em sua vida. Lá ela se tornou não só uma profissional melhor, mas também uma pessoa mais tolerante. A faculdade, além de proporcionar contato com grandes mestres, ensinou a compreender a complexidade do exercício da atuação. “O glamour está no olho de quem vê, não de quem faz.” Esse foi um dos ensinamentos aprendidos no curso, que à época funcionava junto à Faculdade de Filosofia. Com a Reforma Universitária de 1971, o curso passou a integrar o Instituto de Artes da Universidade. Araci comenta ainda que ser atriz exige boa dose de paciência: “Não existe glamour algum em fazer televisão ou cinema e passar o dia todo com um vestido com o qual você não pode se sentar”.

Natural de Osório, a atriz gaúcha, que já se apresentou em mais de 35 peças de teatro, atuou em mais de 10 filmes e trabalhou em novelas e séries televisivas, revela que, para engajar-se em um projeto, seu texto deve instigá-la como profissional e, de alguma forma, tocá-la como ser humano. Em sua opinião, para uma obra de dramaturgia ter valor perene, deve ser “bem-feita, bem escrita e dizer a que veio”. Além disso, precisa estar inserida no contexto social em que foi criada, sendo, assim, um “retrato da sociedade”. A atriz conclui que “o teatro não modifica ninguém, apenas denuncia”.

Gabriella Padilha Scott, *estudante do 8.º semestre de Jornalismo da Fabico*

## Assista aos programas

Para conhecer melhor o trabalho da atriz Araci Esteves, assista ao programa *Em Sintonia Com*, que vai ao ar no dia 14 de junho, às 20h, com reprise às 23h, no canal 15 da NET-POA.



ACERVO LUME/UFRGS

## Exposição

## Centro da ESEF exhibe acervos

Até 8 de julho, o Centro de Memória do Esporte da Escola de Educação Física da UFRGS apresenta a exposição “Acervos do CEME: Preservando Memórias”. Referência nacional de recolha, preservação e disponibilização de acervo histórico do esporte, educação física, lazer e dança, o Centro está expondo peças de nove coleções. Segundo a coordenadora do órgão, Silvana Vilodre Goellner, são acervos tanto institucionais quanto pessoais. Ela explica que o CEME tem adotado novas estratégias para dar visibilidade ao material preservado: “Temos uma área específica no repositório digital Lume, onde estamos armazenando todo o acervo digitalizado. Já foram contabilizados 35 mil downloads de itens que começamos a inserir agora”. Criado em 2012, o Repositório Digital do Centro de Memória do Esporte reúne cinco coleções: audiovisual, documental, depoimentos, iconográfico e tridimensional. Desde 1997, quando o Centro iniciou suas atividades, foram organizadas 35 mostras. Além das ações de extensão universitária, também são realizadas pesquisas, por meio do trabalho do Grupo de Estudos sobre Cultura e Corpo ([www.esef.ufrgs.br/ceme/grecco](http://www.esef.ufrgs.br/ceme/grecco)). A mostra pode ser visitada de segunda a sexta-feira, das 9 às 17 horas, na Sala de Exposições do Centro de Memória do Esporte. O espaço expositivo funciona na Rua Felizardo 750, Câmpus Olímpico.

## Jovem Cientista

## Edição 2013 premiará projetos de gestão dos recursos hídricos

Estudantes de ensino superior e alunos do ensino médio podem se inscrever até 30 de agosto para o Prêmio Jovem Cientista, que este ano traz o tema “Água: desafios da sociedade”. Criado em 1981, é um dos mais importantes reconhecimentos aos cientistas brasileiros. Os temas escolhidos a cada edição buscam soluções simples para os desafios da sociedade brasileira. Considerando que, de um total de 1,4 bilhão de quilômetros cúbicos de água que cobre a superfície da Terra, apenas 0,003% pode ser aproveitado para o

consumo humano, e que essa reserva limitada é ameaçada pelo desperdício e pela poluição, há a necessidade de investir na busca de soluções por meio da pesquisa. Nas categorias mestres e doutores, os três primeiros colocados serão agraciados com valores de R\$ 30 mil, R\$ 20 mil e R\$ 15 mil, respectivamente. O prêmio é oferecido pelo Ministério da Ciência, Tecnologia e Inovação, pelo CNPq, pela Fundação Roberto Marinho e pelas empresas GE e Gerdau. Mais informações em [www.jovemcientista.cnpq.br](http://www.jovemcientista.cnpq.br).

## Sedetec

## Abertas as inscrições para a XIV Maratona de Empreendedorismo

Até o dia 20 deste mês, a UFRGS recebe inscrições para a sua XIV Maratona de Empreendedorismo. Aberta ao público, a atividade oferece aos participantes a oportunidade de desenvolverem seu projeto de negócio por meio de atividades práticas, contando com o auxílio de docentes e de profissionais do mercado. A Maratona é um curso de extensão promovido pela Secretaria de Desenvolvimento Tecnológico da UFRGS (Sedetec), dentro do Programa de Empreendedorismo e Inovação. Para participar, é preciso ter

uma ideia de empreendimento inovador e conhecimento sobre o produto ou serviço a ser oferecido. O curso, que se estende de 6 de agosto a 10 de dezembro, terá atividades presenciais e a distância. As inscrições podem ser feitas no site <http://www.ufrgs.br/empreendedorismo>. Serão selecionados 90 alunos, divididos em duas turmas. Ao final da Maratona, os quatro melhores planos de negócios receberão prêmios como notebook, formalização da empresa e consultoria para a elaboração do plano de marketing.



# E o povo de novo nas ruas!

Céli Regina Jardim Pinto\*

Nos últimos meses, Porto Alegre foi palco de manifestações de rua contra o aumento do preço da passagem de ônibus que tiveram efeitos concretos e positivos. A passagem baixou e abriu-se uma larga discussão sobre a composição do preço das tarifas. Os manifestantes, jovens estudantes, em um primeiro momento foram chamados pela mídia de vândalos, adjetivo muito em moda para classificar todos os que se manifestam publicamente nas ruas contra a apropriação do espaço público por poderosas empresas privadas, o aumento de tarifas, o corte de árvores, o aviltamento salarial, entre outras causas. Mas, com o êxito do movimento, a mídia deixou de chamá-los de vândalos, e eles passaram a ser nomeados *estudantes defendendo os interesses da cidade*.

Meu objetivo neste pequeno artigo não é discutir o movimento de Porto Alegre, mas tomá-lo como ponto de partida para analisar uma forma de fazer política que não é novidade na história contemporânea, mas que está assumindo uma nova dimensão no século 21: a tomada das ruas pelo povo.

Grandes manifestações tiveram presença importante na história republicana do Brasil. Em 1954, o povo foi às ruas para protestar contra os inimigos de Getúlio, quando de seu suicídio. No Rio de Janeiro e em Porto Alegre, os manifestantes em grande número invadiram, quebraram e queimaram prédios de jornais e de partidos políticos adversários do líder morto.

1968 foi um ano particular: os estudantes na França tomaram as ruas de Paris, e no Brasil 100 mil pessoas foram às ruas do Rio de Janeiro protestar contra o regime militar. As primeiras grandes manifestações de rua no Brasil após 68 ocorreram entre o final de 1983 e o início de 1984: o movimento pelas "Diretas já", que levou milhões de pessoas às ruas das principais cidades do país, clamando pelo fim do regime militar.

Nas últimas décadas do século 20 e na primeira do século 21, os espaços públicos foram quase abandonados e as manifestações de caráter reivindicatório e político tornaram-se escassas. As democracias na Europa e nos Estados Unidos conseguiam dar conta de seus problemas no interior de instituições políticas sólidas. Nos países do Leste Europeu, o fim do regime comunista foi consequência da atuação de movimentos sociais muito bem organizados ou do desgaste de burocracias estatais. No Brasil, a Constituição de

1988 desenhou um quadro de participação política por meio da criação de conselhos, instrumentos de iniciativa popular, plebiscitos, referendos e orçamentos participativos. As manifestações de rua pareciam resumidas aos grafites e pichações. Os primeiros, relidos pela mídia e pela mercantilização das galerias de arte como expressão artística; os segundos, jogados na simples e confortável designação de vandalismo.

É, pois, na segunda década do século 21 que se assiste no mundo à retomada das ruas por grupos muito numerosos para reivindicar direitos das mais diversas ordens. O ano de 2011 foi paradigmático. Na Espanha, a mobilização conhecida como "Movimento dos Indignados" convocou uma grande manifestação para o dia 15 de maio nas praças do país. A crise econômica materializava-se em alarmantes índices de desemprego, chegando a mais de 40% entre os jovens. O movimento tomou um grande vulto e ocupou as praças das principais cidades espanholas.

No mesmo ano, ocorreu a chamada "Primavera Árabe", em que movimentos populares surgiram no Egito, na Líbia, no Marrocos, na Tunísia, no Iêmen, no Bahrein, entre outros. No Egito, a manifestação conhecida como "Dia da Ira", em 25 de janeiro, foi convocada pelo "Youth Movement" e por uma página do Facebook. O protesto iniciado no Cairo espalhou-se por todas as grandes cidades do país. Vale lembrar que, diferentemente da Espanha, no Egito havia uma ditadura de 30 anos que não tolerava dissidentes, o que tornou a tomada das praças pela multidão um ato de desafio e enfrentamento. Os eventos no Iêmen, inspirados no Egito, iniciaram-se com a manifestação de 3 de fevereiro e foram organizados por um grupo de jovens que se denominou "A Juventude da Revolução". Atendendo à convocação, milhares de populares se reuniram em protestos na principal praça da capital do país, Sana, onde, surpreendentemente, para um país muçulmano, homens e mulheres protestavam juntos.

Na América Latina, as manifestações do Chile em 2011 levaram milhares de jovens a ocupar as ruas de Santiago por muitas semanas, protestando contra o sistema educacional. Todas as manifestações confrontaram o governo conservador de Sebastián Piñera, que, ao mesmo tempo que reprimia e prendia militantes, sentava à mesa com dirigentes estudantis para tentar uma solução.

Em suma, os movimentos de 2011 apresentaram novidades, foram feitos basicamente por jovens, ocuparam os espaços públicos – o mais mítico dele,

a praça – e usaram todas as formas de redes sociais. Eram movimentos políticos por excelência que contestavam os governos, os regimes e as instituições. Tinham formas novas de comunicação. As novas mídias propiciavam a formação rápida de redes, e o celular foi o principal instrumento. Por meio dele as mensagens atingiam um grande número de pessoas nas ruas, nas casas, no trabalho, nas escolas, nas universidades.

Ainda nesta breve reflexão cabe comentar um movimento atual e muito forte que tem se expandido ao redor do mundo: "A marcha das Vadias", que nasceu como um protesto às declarações do policial canadense Michael Sanguinetti que, em uma palestra na Universidade de York, em 2011, afirmou que "as mulheres devem evitar se vestir como vagabundas para não se tornarem vítimas de ataques sexuais". Ao longo dos anos de 2011, 2012 e 2013, essa marcha tornou-se um movimento mundial de denúncia da violência sexual contra as mulheres, sendo realizada na Europa, na América Latina, na África e na Ásia. Houve marchas em países tradicionais, como o Marrocos e a Índia; existem grupos no Twitter na Alemanha, nos Estados Unidos, em Singapura e Hong Kong. No Brasil, já ocorreram marchas nas cidades de São Paulo, Brasília, Porto Alegre, Pelotas, Santa Maria, Londrina, Florianópolis, Criciúma, Rio de Janeiro, Belo Horizonte, Vitória, Recife, Salvador e Fortaleza.

Nessas marchas, as mulheres vão para a rua com roupas ditas de "vadia" e em muitas ocasiões ficam com os seios nus. Qual é o significado de uma manifestação como esta que se torna mundial? Como podemos pensar a "Marcha das Vadias" dentro de um mesmo quadro que contém as manifestações públicas de dor e revolta pela morte de Vargas, a "Marcha dos 100 mil" contra a ditadura, as ocupações das praças pelos "Indignados" espanhóis e as manifestações da chamada "Primavera Árabe"?

As manifestações citadas aqui têm uma diversidade muito grande pelos momentos históricos distintos em que ocorreram, pelo que demandavam ou protestavam. Mas, em relação aos movimentos ocorridos a partir de 2011, é possível pontuar duas questões que abrem perspectivas para a compreensão e a análise mais aprofundada desses eventos.

A primeira refere-se à condição dos participantes que, em certo momento, tornam-se um grupo homogêneo ao redor de uma causa. O que caracteriza essas manifestações é que grande parte dos manifestantes

constitui-se de sujeitos públicos e políticos a partir da própria manifestação, e essa condição pode se diluir no momento em que o protesto se desfaz, o que pode ser interpretado como uma fragilidade. Mas há outra faceta a ser considerada: a presença desse tipo de agente político revela o surgimento de um novo sujeito público, menos comprometido com ideologias reductionistas e mais predisposto a uma atuação pública – um comprometimento que varia de acordo com as causas em pauta. Daí que o importante não é que sempre os mesmos estejam em todas as manifestações, mas que se construa, por meio das próprias manifestações, uma cultura de participação que reatualize o próprio sujeito político.

A segunda questão, a partir da qual se devem pontuar as manifestações, é a que diz respeito à relação entre elas e a participação política. Todas as manifestações a partir de 2011 enfrentaram a ordem estabelecida, ocupando o espaço público. Mas há uma distinção importante entre aquelas que enfrentaram regimes autoritários ou totalitários e as que aconteceram em regimes democráticos: as que buscaram o fim de ditaduras, como foi o caso das manifestações da "Primavera Árabe", enfrentaram uma violenta repressão e algumas vezes foram sufocadas pelos regimes.

Nos países com regimes democráticos, as manifestações são movimentos políticos, mas que não vieram para tomar o poder, não ameaçam a existência das instituições, mas as subvertem como uma nova forma de participação política que enfrenta os arraigados hábitos das instituições e suas formas confortáveis e nem sempre transparentes de resolver conflitos.

As demandas que provocaram esse conjunto de manifestações, tanto nos países que viviam ditaduras como nas democracias, muitas vezes não foram alcançadas, e a mobilização teve limites, pois a ocupação de espaços públicos provoca tensões com autoridades policiais, além de ser um corte violento do cotidiano das pessoas que não se sustenta por muito tempo. Porém, tais circunstâncias não revelam o fracasso desse tipo de participação política, mas uma reinauguração com novos atores, novas condições de organização e, principalmente, com um novo papel para o cidadão no conjunto das forças políticas e sociais que atuam no mundo contemporâneo.

\*Professora associada IV do Departamento de História da UFRGS



As manifestações de rua contra o aumento do preço da passagem de ônibus em Porto Alegre tiveram efeitos concretos



As ativistas Lilián (e) e Adelina (d) estiveram na UFRGS para o lançamento do livro “Memórias da Resistência e da Solidariedade”



FOTOS: FLAVIO DURAZU

# Maternidade extirpada

**Memória Adelina de Alaye e Lilián Celiberti relatam as consequências dos regimes militares dos anos 1970**

Everton Cardoso

As ditaduras em geral instituem um terror de Estado que não só silencia os discordantes, mas interfere profundamente em suas vidas e nas daqueles que os cercam. Nesse contexto, os laços familiares são rompidos como forma de atingir os subversivos em sua essência, ou seja, na identidade. “Chamo-me Adelina Ethel Dematti, viúva de Alaye. Sou filha de José Esteban e Clementina. Sou mãe de Carlos Esteban e de Maria del Carmen. Sou avó de Florencia, Julián e Juan.” Assim a argentina pertencente ao grupo das Mães da Praça de Maio se apresenta quando fala em público, registrando sua ascendência e descendência. “Dizemos isso como um reforço da necessidade imperiosa de devolver a identidade a cerca de quinhentos homens e mulheres que – sendo bebês – foram retirados de suas famílias e entregues a outras depois do sequestro e do assassinato de seus próprios pais”, explica sobre a forma como ela e suas companheiras de militância iniciam seus pronunciamentos.

Mesmo não tendo sido vítima desse tipo de violência, Adelina não foi poupada do terror de Estado: Carlos Esteban foi levado aos 21 anos de idade, em 5 de maio de 1977, enquanto ia de bicicleta encontrar-se com uma pessoa que estava sendo perseguida e lhe pedira ajuda. Ele

foi, então, atacado por um grupo de homens disfarçados de civis que lhe amarraram mãos e pés com arames e o jogaram na carroceria de uma caminhonete. O rastro deixado foi o saqueio da residência de Carlos e pichações nas paredes. Adelina andou pela vizinhança, questionou, distribuiu fotografias e panfletos. Dessa forma, reconstruiu a narrativa dos últimos momentos de liberdade de seu filho.

“Nunca vou reconhecer que meu filho está morto”, sentencia sobre o ato que descreve como atroz. Para a mãe argentina, não é ela quem deve atestar tal violência. E com a segurança advinda de seus 36 anos de busca por informações e de luta pelos direitos humanos, afirma: “São eles que têm de nos dizer”. Até onde conseguiu averiguar, Adelina sabe que seu filho teve seus últimos momentos de vida no centro clandestino de tortura chamado La Cacha, situado na região metropolitana de Buenos Aires, onde antes funcionara uma emissora radiofônica. Chegou-se a esse lugar a partir de descrições de pessoas que lá estiveram presas. O nome do local em que o filho esteve preso, explica a ativista, deve-se a um personagem de comédias que havia na Argentina nos anos 1970: a Cachauca, uma bruxa que fazia desaparecerem pessoas em seus feitiços. “Sabia-se que quem fosse mandado a esse lugar iria desaparecer”, relata. Quando soube que seu filho fora levado para lá e que esteve por pouco tempo, Adelina tranquilizou-se: “Graças a Deus não teve de passar pela degradação por parte daqueles seres. Pelo menos ele se manteve digno até morrer”, diz a mãe com os olhos embaçados.

**Sem identidade** – Adelina vê nos atos praticados pelas ditaduras uma maneira de atingir o ser humano na forma mais essencial de sua personalidade: “As pessoas não eram mais chamadas por

suas identidades biológicas. Passavam a ser um número ou qualquer coisa que viesse à mente dos sequestradores”. Essa era, juntamente com a opção por horários e lugares em que houvesse poucas testemunhas para os atos de violência e abdução, uma forma de fazer com que os rastros deixados por essas pessoas não permitissem sua localização posterior. “Sempre que falamos de sequestrados, nos referimos a um plano sistemático”, aclara Adelina sobre o conjunto de ações que faziam parte da Operação Condor – ou Carcará, como também ficou conhecido no Brasil. O pacto montado pelo governo chileno em 1975 incluía seis nações sul-americanas governadas por ditaduras militares – Brasil, Argentina, Chile, Bolívia, Paraguai e Uruguai —,

“Nunca vou reconhecer que meu filho está morto”

Adelina de Alaye

além de mais três membros esporádicos – Colômbia, Peru e Venezuela. Foi criado para reprimir qualquer oposição a esses governos e para eliminar lideranças ligadas à esquerda. Estima-se que mais de 400 mil pessoas tenham sido torturadas e 100 mil assassinadas como resultado da operação.

Oriunda de uma cidade com muitas vítimas dessa política que compartilhava os ideais da Ideologia de Segurança Nacional, Adelina conta que La Plata é o local de onde mais foram subtraídos prisioneiros durante a ditadura argenti-

na. Tanto é que diante da Universidade de La Plata há um monumento em que estão gravados os nomes de professores, funcionários e estudantes desaparecidos no período. “Lá estão os nomes de 700 pessoas, entre eles, o do meu filho”, diz, precedendo um silêncio emocionado e eloquente. “Estamos vivendo um período que sonhamos antes; tínhamos perdido a esperança.” Adelina refere-se aos julgamentos que vêm sendo realizados como forma de justiça em relação a esses crimes. Lamenta, porém, a lentidão desses processos, muitas vezes concluídos quando os culpados já nem estão mais vivos.

**Ditadura em xeque** – Também vítima da Operação Condor, a uruguaia Lilián Celiberti foi sequestrada em novembro de 1978 em Porto Alegre. Ela e o marido, Universindo Rodríguez Díaz, estavam na cidade com os filhos Camilo, de oito anos, e Francesca, de três anos. Com a convivência do governo militar brasileiro, um comando do exército uruguaio entrou no país de maneira clandestina, veio à capital e levou a família, que também era opositora do regime ditatorial vigente em seu país. Na análise que a ativista faz hoje do episódio, esse foi um momento em que os militares brasileiros tiveram de lidar com algo inesperado: a presença de duas crianças entre as pessoas “encomendadas” pelo Uruguai. “Os policiais do Dops [Departamento de Ordem Política e Social, ligado ao governo brasileiro] não queriam um compromisso maior que apenas nos prender”, relata. As crianças, segundo Lilián, eram um fardo impossível de carregar: “Eram uma pedra no sapato deles”.

No final dos anos 1970, o Brasil já estava ensaiando um processo de distensão e reabertura que resultaria no fim do regime militar em 1985. “A ditadura brasileira queria se diferenciar dentro do

plano Condor como um regime limpo. E as crianças não podiam ser enquadradas como terroristas, eram um problema, e isso me permitiu uma estratégia de forma a libertá-los”, conta.

Embora esse tenha sido um momento difícil de sua vida, Lilián não guarda recordações negativas. “Pode parecer pretensioso de minha parte, mas me senti protagonista dos acontecimentos, senti que os coloquei numa situação em que eles [os militares] não queriam estar”, avalia, ao mesmo tempo que reitera não se considerar uma heroína em razão desse episódio. A respeito dos militares brasileiros desmascarados na época por uma reportagem feita pela equipe da revista *Veja*, ela é enfática: “Eles não puderam lavar as mãos”. Na avaliação de Lilián, quem mais sofreu com o episódio foi seu filho mais velho, então enviado para viver com o pai, Universindo, no exílio na Itália. “Ele viveu fora do contexto onde as coisas ocorreram. Enquanto eu estava presa, Francesca – que ficou com meus pais em Montevideo – vinha me visitar, mas ele não”, relata. Camilo teve, de acordo com a mãe, uma infância solitária e complexa, e foi somente há pouco mais de um ano – ou seja, passadas mais de três décadas desde o sequestro – que foi capaz de falar publicamente sobre o tema.

Lilián, depois de tantos anos, diz ainda esperar por justiça. “Não é vingança, mas há uma necessidade de reconhecimento dos fatos”, aclara. Isso, para ela, pode evitar episódios como o fato de Glauco Giannone, reconhecido torturador uruguaio, ter sido parte das forças de manutenção de paz das Nações Unidas – os “capacetes azuis” – contempladas com o prêmio Nobel da Paz em 1988. Na análise da ativista, sempre haverá conservadorismo, mas ele se expressa de outra forma, já que o contexto contemporâneo não permite uma repressão em forma de terror de Estado.



# Explorando a UFRGS



Alunos que se preparam para concorrer a uma vaga na UFRGS no vestibular de 2014 compuseram a maioria do público que participou do evento

## Portas Abertas Estudantes de ensino médio lotaram as dependências da Universidade para conhecer os cursos de graduação

Oito horas da manhã de sábado, 18 de maio, e os ônibus tomaram conta da Rua Ramiro Barcelos. Eles trouxeram centenas de jovens de diversas regiões do estado que invadiram o Câmpus Saúde para conferir as atividades da 11ª edição do projeto Portas Abertas.

“Aqui é o prédio da Psicologia?” Perguntas como essa eram dirigidas ao tempo todo aos estudantes da Universidade encarregados de auxiliar os visitantes. Gentilmente, respondiam: “A Psicologia fica do outro lado da rua, aqui é a Fabico”. Mapas distribuídos ao redor do câmpus também auxiliavam os perdidos.

Afinal, é justamente esse o objetivo do evento: apresentar a Universidade para os adolescentes que pretendem ingressar

nela algum dia. Ao lado da vontade de fazer parte do ambiente universitário, esses jovens carregam também muitas dúvidas, relacionadas desde a pontuação no vestibular até a cobrança de uma suposta mensalidade. A dimensão da UFRGS os impressiona, não acreditam que aquilo tudo poderá fazer parte da sua realidade.

Na Faculdade de Biblioteconomia e Comunicação, os visitantes puderam entender melhor a missão da Universidade: a de articular o conhecimento pelo tripé Ensino, Pesquisa e Extensão. A professora Ilza Maria Girardi, coordenadora da Comissão de Pesquisa da Fabico, apresentou as possibilidades existentes nesses três níveis de aprendizado, destacando que, além da formação para o mercado de trabalho, a UFRGS também possibilita o aperfeiçoamento do espírito crítico dos estudantes.

Uma das atividades mais requisitadas do Portas Abertas, a “Conversa sobre estresse pré-vestibular”, aconteceu na Escola de Enfermagem, também no Câmpus Saúde. Durante as diversas sessões da palestra, os jovens foram submetidos a um questionário avaliativo do nível de estresse e receberam orientações sobre como enfrentar o vilão em um momento de tanta tensão como o vestibular.

De acordo com as enfermeiras que

conduziram a conversa, esse período traz diversas mudanças físicas e emocionais, pois o organismo entra em estado de alerta perante situações atípicas desse porte. Assim, recomenda-se que o jovem mantenha uma vida saudável – com alimentação regrada e prática de esportes –, que não deixe de ter momentos de lazer e que racionalize seu tempo de estudo. O questionário deveria ser levado para casa.

Apesar de dirigida aos vestibulandos, a conversa atraiu jovens de diversas faixas etárias. Uma das sessões, por exemplo, contou com alunos de 8.ª série. Arlete Spencer Vanzin, coordenadora da atividade, considera importante a participação de estudantes de menor idade, pois assim eles já vão se preparando e chegam ao vestibular mais tranquilos.

É o caso de Caroline Freitas, de 17 anos, que cursa o segundo ano do ensino médio e já participa pela segunda vez da atividade. Ela pretende prestar vestibular para Enfermagem; assim, além de ir manejando sua ansiedade com antecedência, aproveita para conhecer melhor o ambiente em que almeja estudar.

Ainda na Enfermagem, os jovens puderam vivenciar o aprendizado de primeiros socorros. Em um pequeno laboratório da Escola, os participantes interagiram com manequins em simula-

ções de acidentes, recebendo orientação sobre como lidar com vítimas em situações como aquelas. O público variado incluía desde vestibulandos de Medicina até pessoas que não tinham planos de se tornar universitários.

**Câmpus Centro agitado** – Se no Câmpus Saúde o movimento chamava a atenção, no do Centro era possível perder-se em meio à multidão. Ao redor do prédio da Rádio da Universidade, cerca de 200 pessoas aglomeravam-se para assistir à Visita Guiada Teatralizada, realizada pelo Setor de Patrimônio Histórico. A atividade, já tradicional, tem o objetivo de apresentar a arquitetura e a memória dos prédios históricos da UFRGS por meio da encenação de alunos do Departamento de Arte Dramática. A visita de sábado começou no Salão Nobre da Medicina e terminou no Museu do Motor, no prédio da Escola de Engenharia.

As várias opções de cursos da Engenharia oferecidas pela UFRGS trazem diversas possibilidades para o vestibulando, mas também podem confundir-lo. Afinal, o que se faz em cada curso? Para responder às dúvidas que surgem em consequência dessa alta gama de opções, a Escola de Engenharia preparou para o Portas Abertas uma palestra de apresentação de seus cursos.

Carlos Eduardo Pereira, professor do Departamento de Engenharia Elétrica, foi o responsável por esclarecer as dúvidas dos cerca de 40 alunos que presenciaram cada sessão da palestra. Excelência acadêmica, inovação, sustentabilidade, responsabilidade social e empreendedorismo foram os aspectos ressaltados pelo palestrante como bases para a formação do engenheiro.

O professor fez questão de salientar que a engenharia é demandada no mundo inteiro e que a procura por profissionais brasileiros de qualidade é cada vez maior. Lembrou que algumas das habilitações menos procuradas, como a de materiais e a metalúrgica, oferecem muitas e boas oportunidades no mercado de trabalho.

Guilherme Rocha, 18 anos, foi por conta própria à palestra para conhecer melhor a Escola de Engenharia. Ele está em dúvida entre a mecânica e a civil e revelou que o Portas Abertas foi bastante proveitoso para avaliar a escolha do curso. Caso quisesse conhecer melhor as funções de cada engenharia, Guilherme poderia se dirigir, no mesmo câmpus, a uma palestra sobre Tecnologia de Materiais e Sustentabilidade, ou a outra sobre o Mercado de Trabalho da Engenharia Mecânica. Opções não faltavam.

**Por dentro das cotas** – Quem passava pelos câmpus durante o Portas Abertas deparava-se com as tendas da campanha “Cotas UFRGS é pra valer”, uma iniciativa da Coordenadoria de Acompanhamento do Programa de Ações Afirmativas. Nelas, estudantes da UFRGS que participam do Programa de Educação Tutorial Políticas Públicas da Juventude (PET – PJP) esclareciam as dúvidas de quem pretende entrar na Universidade pelo sistema de cotas.

Durante uma hora, os integrantes do PET Henrique Maciel, Ricardo da Silva e Patrícia Fietz ministraram a oficina “Como entrar na UFRGS” para cerca de 40 pessoas (entre outras que circulavam por ali e davam uma conferida). Eles relataram suas experiências pessoais e elucidaram questões sobre comprovação de renda e pontuação necessária no vestibular. Foi nessa tenda que a reportagem do JU constatou a desinformação de muitos visitantes: eles perguntavam se era preciso pagar mensalidade para estudar na Universidade.

Esclarecer dúvidas e mostrar que a Universidade pode ser acessível a todos: o principal objetivo do Portas Abertas cumpriu-se nas quase oito mil atividades oferecidas nos quatro câmpus. Um dia para os jovens se entusiasmarem com as oportunidades oferecidas pela UFRGS e aguçarem a vontade de fazer parte dela.

Júlia Corrêa, estudante do 5.º semestre de Jornalismo da Fabico

## Dois-pontos

Antônio Falcetta, revisor - colaboração da professora Lodenir Karnopp  
antonio.falcetta@secom.ufrgs.br

### ► Libras, a língua da comunidade surda do Brasil

Em maio, na Faculdade de Educação, o professor da Gallaudet University (EUA) Steven Collins desenvolveu atividades para a formação de professores surdos. Docente de literatura, surdo, a língua materna de Steven é a American Sign Language (ASL). Neste ano, ele está atuando como docente na Universidade Federal de Santa Catarina, no curso de Letras-Libras. Na UFRGS, curso similar está sendo estruturado e, atualmente, há uma disciplina de Libras para todos os acadêmicos das licenciaturas.

A Libras – cuja lei que a reconhece como

meio legal de comunicação e expressão completou 10 anos – é a língua de interlocução da comunidade surda, por permitir-lhe, por meio da expressão das mãos e do corpo, plena capacidade e competência comunicativas. Há não muito tempo, os indivíduos que apresentavam pouca ou nenhuma capacidade auditiva eram apenas oralizados, apesar da sua consistente dificuldade de desenvolver-se nessa modalidade de língua. Noutro momento, passou-se a utilizar a metodologia da comunicação total, ou seja, o sujeito surdo era educado para falar e gestualizar em sua interlocução. Mas a Libras, que tem sintaxe própria, não pode ser uma transposição da língua oral, uma vez que não

há correspondência direta entre a organização gramatical de ambas as línguas. As práticas atuais na educação de surdos propõem o bilinguismo, sendo a Libras a L1 (língua materna) e a língua portuguesa escrita a L2.

Afora a cobrança de políticas inclusivas, há a necessidade de os profissionais do magistério e a comunidade conhecer não só a língua, mas a cultura surda para que haja de fato a inserção das comunidades não ouvintes nos espaços públicos e sociais. Então se poderá falar com propriedade sobre acessibilidade. Temos muito a crescer nesse aspecto.

Na UFRGS, atualmente, há 32 alunos com necessidades educacionais especiais atendidos pelo Programa Incluir. Esse programa foi

implantado nas universidades em 2005, com a finalidade de fomentar a criação e a consolidação de seus núcleos de acessibilidade. Tais núcleos têm a tarefa de responder pela organização de ações que garantam a integração de pessoas com deficiência à vida acadêmica. Na pós-graduação encontram-se nove alunos e um professor surdos, todos na área da Educação.

Ah, para não deixar de lado a prescrição, esclareça-se: *surdo-mudo* não é a expressão correta para se fazer referência à pessoa que não escuta. Como dissemos acima, há surdos que oralizam, há surdos tardios que falam, etc. Basta a palavra SURDO.



FABIANO DUTRA/JU

Mostra do Museu da UFRGS recria ambientes da história pré-colonial do nosso estado, como a casa subterrânea construída pelos primeiros habitantes da região do Planalto rio-grandense

# Viagem à pré-história gaúcha

**Arqueologia**  
*Exposição retrata o trabalho de busca pela cultura dos povos antigos*

Ao visitar a nova exposição do Museu da UFRGS, algo chama muita atenção: a réplica de uma casa indígena. A moradia tem em seu interior um rebaixamento, ficando a beira da sua cobertura de palha ao nível do solo. Silvia Copé, do Departamento de História e curadora da mostra, explica que os indígenas construíam esse tipo de casa para se protegerem do frio, que é intenso na região do Planalto rio-grandense. A professora conta que “a prefeitura de Bom Jesus entrou em contato conosco porque queria fazer um parque ao lado do conjunto de casas subterrâneas”. Ela explica que sua equipe de arqueólogos foi chamada para escavar e interpretar o sítio, para que pudessem utilizá-lo como turismo cultural.

A mostra “12.000 anos de História: Arqueologia e Pré-história do Rio Grande do Sul” apresenta o período pré-colonial do estado, com o enfoque no trabalho do arqueólogo. Podemos acompanhar os trajetos percorridos pelos primeiros habitantes por meio de uma expografia. Também há a recriação de ambientes, como a casa subterrânea, e de artefatos, como pontas de flecha, boleadeiras, machados, instrumentos de caça, urnas e vasos de cerâmica. Silvia e sua equipe venceram um edital da Lei do Incentivo à Cultura, promovido pela Sociedade de Arqueologia Brasileira, que originou a exposição. Desse concurso surgiram vários produtos. Além da exposição, há o lançamento de um livro didático que será doado às escolas públicas da região metropolitana de Porto Alegre, um catálogo que acompanhará o

livro e os kits pedagógicos, que conterão um vídeo produzido em parceria com a UFRGS TV, um mapa do Rio Grande do Sul com as primeiras rotas migratórias e réplicas das peças expostas. A curadora conta que a arqueologia está no plano de ensino das escolas públicas, porém não há material para ensinar os alunos. “Ao entrevistar os professores das escolas, uma orientanda verificou que a matéria não era dada porque eles não sabiam como fazê-lo. A ideia é fornecer subsídios que possam ser utilizados em sala de aula.” A pesquisa foi realizada pelo Museu Universitário de Arqueologia da UFRGS com a colaboração da PUCRS, da UFPel e da Unisinos.

**Profissão** – A arqueologia estuda os modos de vida e a cultura do passado pela análise de restos materiais. Entre suas atribuições está o estudo da intervenção humana no meio ambiente. Muitas vezes, o arqueólogo é chamado a examinar algum material encontrado pela população. Há casos em que, pela informação de pesquisas anteriores, a equipe arqueológica vai até um local escavar.

Desde 1986, uma resolução do Conselho Nacional do Meio Ambiente obriga a realização de um estudo ambiental do local em que será realizada uma grande obra, para o qual devem ser contratados profissionais de diversas áreas. Silvia relata que a primeira vez em que fez parte de uma equipe dessas ficou impressionada: “É um impacto violento, porque a cidade muda sua infraestrutura para receber as pessoas. Nisso, acabam intervindo no ambiente para construir refeitórios, moradias. Nosso trabalho é ver o impacto sobre os sítios arqueológicos”. Em 1991, existiam apenas cinco escavações no Brasil. Em 2010, já eram 969. Com o aumento das escavações, o número de sítios arqueológicos também subiu: de 15 mil em 2009 para 20 mil em 2010, segundo dados do Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN).

**Fantasia x realidade** – A profissão do arqueólogo foi muito fantasiada pelas produções audiovisuais. Filmes como a saga de Indiana Jones fizeram a população encantar-se por essa área. Embora exista o lado romântico e aventureiro, ele é insignificante se comparado às peripécias do personagem hollywoodiano. “Não vamos cair em um compartimento cheio de serpentes. Podemos nos deparar com uma, talvez duas... Nenhum arqueólogo anda armado, com chicote ou algo do tipo”, explica Silvia. A aventura para ela se dá em seus trabalhos no interior, nos quais tem contato com coisas que não fazem parte do seu dia a dia. “Acabou o asfalto, tu vais ficar em municípios pequeninhos, que não têm hotel, então muitas vezes a gente acampa. Há também os insetos que incomodam”, lembra a arqueóloga, observando que as refeições nem sempre são bem-feitas para não interferir no tempo do trabalho. “Se tu não tiveres espírito aventureiro, não vais te dar bem”, acrescenta. Apesar disso, ela reconhece que o lado romântico da profissão reside no fato de que o primeiro item que atrai as pessoas é a possibilidade de descobrir coisas novas.

Quando uma equipe está no campo de pesquisa, escavando, e não encontra nada durante dias, a impaciência reina. Para manter um grupo na rua, é necessário dinheiro, pois é preciso arcar com hospedagem, alimentação e equipamentos. Ficar alguns dias, ou até semanas, sem encontrar nada significa gastar o financiamento sem um retorno – pelo menos imediato. Silvia relata que “até mesmo um arqueólogo muito bem treinado estaria desesperado por ficar uma semana sem encontrar nada, uma vez que o trabalho arqueológico é caro. E quanto maior o período, maiores as despesas”. O laboratório, por sua vez, exige persistência e teimosia. Quem está analisando o material tem de descrever as peças, catalogá-las quantitativa e qualitativamente, e isso leva tempo.

Atualmente, existem no país oito cursos de graduação em Arqueologia. No Rio Grande do Sul é possível estudar na FURG e na UFPel. Aqui na UFRGS, os estudantes fazem as disciplinas de Pré-história Geral e Arqueologia, podendo optar ainda pelas eletivas América Pré-colombiana e Pré-história Brasileira. É nessas disciplinas que muitos descobrem a vocação para seguir carreira na arqueologia. Esses alunos então procuram o Núcleo de Pesquisa Arqueológica (NuPARq), coordenado por Silvia, passando a colaborar em suas pesquisas.

**O lado romântico da profissão reside na possibilidade de descobrir coisas novas**

A crescente demanda de profissionais para a análise do impacto ambiental de obras gerou uma polêmica: quem é o verdadeiro arqueólogo? Quem tem diploma ou quem tem muita experiência? Os alunos formados no curso de arqueologia defendem que só eles podem exercer a profissão, enquanto os estudantes provenientes do curso de História só podem ser arqueólogos se fizerem um mestrado ou doutorado em Arqueologia – que só existe em São Paulo. O Conselho Nacional de Arqueologia defende que será arqueólogo sem o diploma apenas aquele que tiver um currículo recheado de publicações e uma longa trajetória de pesquisas e trabalhos de campo. Silvia explica que, como o solo pertence à União, só se pode realizar uma

intervenção nele com autorização das administrações públicas.

**Acervos** – O Museu Arqueológico do Rio Grande do Sul (Marsul) foi criado em 1966 pelo professor Eurico Theófilo Miller. Inicialmente, esteve sediado em sua própria casa. Em 1977, foi transferido para a sede atual, com a doação do terreno pela Prefeitura do Município de Taquara. Jeferson Zuch Dias, atual arqueólogo responsável pelo Marsul, está refazendo o inventário das peças. Ele conta que “foram feitas várias listas do acervo, mas com o tempo é necessário atualizá-las”. O museu hoje está em reforma, mas já organizou exposições itinerantes que passavam por escolas. Seu acervo inclui materiais coletados no Rio Grande do Sul, em Santa Catarina, no Amazonas, no Mato Grosso, em Rondônia, no México e no Peru.

Em 1995, Silvia criou o Museu Universitário de Arqueologia e Etnologia do Instituto de Filosofia e Ciências Humanas juntamente com o professor Sergio Baptista da Silva. O acervo, inicialmente constituído pelos professores Balduino Rambo e Joaquim Proença Brochado, conta também com materiais provenientes de suas pesquisas. A arqueóloga relata que o padre Balduino Rambo recolheu o patrimônio “em suas andanças pelo interior gaúcho, nas quais coletava materiais de várias culturas”. Conforme Silvia, a direção do IFCH, interessada em fazer desses acervos uma vitrine do Instituto, cedeu um local. Porém, a configuração do prédio foi mudando e tornou-se inviável mantê-lo aberto com tantas salas de aula ao redor. Hoje, o museu está fechado, mas o acervo ainda existe, e grande parte está presente na exposição em cartaz no Museu da UFRGS. A arqueóloga diz que o ideal seria ter um lugar para que esse material pudesse ficar exposto.

Manuela Martins Ramos, estudante do 4.º semestre de Jornalismo da Fabico



FLÁVIO DUTRA/VIU



# Fronteiras que o idioma impõe

Sem o domínio de um segundo idioma, jovens universitários brasileiros em busca de intercâmbio acadêmico ficam sem opções em grandes instituições de ensino estrangeiras

## Intercâmbio Programas de mobilidade acadêmica revelam dificuldade linguística enfrentada por estudantes

Os mais de vinte mil alunos brasileiros que se candidataram a participar do Ciências sem Fronteiras em Portugal terão de mudar seus planos. No dia 24 de abril, o ministro da Educação, Aloizio Mercadante, surpreendeu ao anunciar a suspensão das universidades portuguesas do programa no segundo semestre deste ano. A intenção seria estimular os candidatos a aprenderem ou aperfeiçoarem uma segunda língua. “Os estudantes têm de enfrentar o desafio e, por isso, todos foram convidados a migrar para outros países”, ressaltou o ministro.

A Secretaria de Relações Internacionais da UFRGS (Relinter) já havia antecipado o problema na semana anterior, com a publicação de uma nota em que justificava o atraso do resultado do Edital: a Capes estaria se empenhando em conseguir o número máximo de vagas nas instituições portuguesas, mas tendo de lidar com uma demanda excessiva e inédita no país.

**Oportunidade** – Uma possibilidade de experienciar a vida acadêmica em outro país: movidos por esse ensejo, muitos universitários brasileiros estão buscando programas de mobilidade estudantil como o Ciências sem Fronteiras. Devido à crescente procura dos alunos, o programa está em expansão. Até 2015, o governo federal pretende distribuir bolsas a 101 mil alunos de ensino superior. Segundo a professora Ana Luiza de

Freitas, coordenadora do setor de inglês do Ciências sem Fronteiras da UFCSPA, a meta ainda está longe de ser atingida, apesar de o momento ser efervescente do ponto de vista acadêmico.

Ainda que os prognósticos sejam positivos, programas como o Ciências sem Fronteiras apontam para um problema recorrente nas universidades: a grande procura por Portugal revela dificuldades dos universitários em idiomas estrangeiros. Conforme o professor Nicolas Maillard, coordenador do programa na UFRGS, a falta de fluência em uma segunda língua é fator decisivo na hora da escolha do país de destino. Na última chamada do Ciências sem Fronteiras na Universidade, Portugal recebeu 174 currículos, seguido do Reino Unido e da Alemanha, com 85 e 38 currículos respectivamente.

**Português x inglês** – Com Portugal não conseguindo absorver os muitos alunos que visam viajar para lá e com a exclusão das universidades portuguesas do Ciências sem Fronteiras, os estudantes são confrontados, portanto, com a necessidade do domínio de pelo menos um segundo idioma. A medida pode ser vista, sob o aspecto linguístico, como positiva. “O cancelamento das vagas pode estimular e até forçar um crescimento na área”, diz Ana Luiza.

Ramiro Simch, estudante de Publicidade e Propaganda da UFRGS, possui um conhecimento básico da língua inglesa, mas sem ter o domínio exigido nos editais de candidatura. Assim, Portugal tornou-se uma opção natural para o jovem, que tinha o sonho de conhecer a Europa. O estudante foi aprovado no Edital de 2012/2 do Ciências sem Fronteiras para a Universidade Católica Portuguesa. Além de ser enriquecedora do ponto de vista cultural, a experiência ainda permitiu que Ramiro estabelecesse comparações entre as universidades. “Na UCR, fiz uma cadeira com vários alunos de outros países da Europa, e o professor dava metade da aula em português e a outra metade em inglês. Há uma preocu-

pação com a compreensão do conteúdo das aulas pelos intercambistas, enquanto na UFRGS não há mudanças ou ajustes na didática por parte dos professores.” Na visão de Ramiro, os países europeus parecem mais integrados sociopoliticamente do que os sul-americanos, o que resulta em um maior preparo para lidar com essas questões.

A estudante Bruna Mariano também foi aprovada na seleção do programa para Portugal, conquistando uma vaga na Universidade de Lisboa. Para ela, o idioma foi o principal fator que a influenciou no momento da candidatura. “Até considerei tentar um país anglófono, mas achava que, se não fosse bem o suficiente no teste de proficiência, minhas chances diminuiriam bastante.” Apesar de não estar em contato com outro idioma, Bruna destaca a satisfação de ter a oportunidade de participar do programa. “Estou podendo enxergar o meu curso e a minha profissão de outra perspectiva, o que é muito enriquecedor.”

## A falta de fluência em uma segunda língua é decisiva na escolha do país de destino

**Falha no ensino** – Casos como o de Ramiro e Bruna levantam dúvidas sobre a origem do problema. Na opinião de Ana Luiza, o ensino de inglês compete às escolas. O que ocorre atualmente, porém, é uma falha no setor de políticas públicas. “Vivemos em uma era de cursinhos particulares, reflexo de um desinteresse da população.” Este segmento, ao qual a professora se refere, cresceu 11% em 2012, e pesquisas apontam que grande

parte dos investimentos provém da classe C. O caso brasileiro pode ser comparado ao de países como a Argentina, no qual o ensino do inglês é bem-sucedido, sendo realizado praticamente nos colégios. Ana Luiza justifica o sucesso no fato de que, em grande parte dos países sul-americanos, a comunidade cobra medidas do governo, o que acaba sendo refletido na educação. Para a professora Simone Sarmiento, coordenadora do setor de inglês do Ciências sem Fronteiras da UFRGS, alguns itens são indispensáveis para uma maior qualificação no ensino de línguas adicionais: mais professores, maior carga horária (a maioria das escolas oferece apenas um ou dois períodos semanais dedicados ao inglês) e, principalmente, menos alunos em salas de aula.

A estudante de Biomedicina da Universidade Priscilla Ambrozzi participou da primeira seleção do Ciências sem Fronteiras, em 2012, viajando para os Estados Unidos. Durante um ano, estudou na Case Institute of Technology, em Ohio. Mesmo tendo um bom nível do idioma, Priscilla conta que a questão da escrita foi complicada: além dos relatórios, provas e apresentações orais, a estudante tinha dois trabalhos para entregar a cada semana. Em relação ao inglês, afirma ser uma autodidata: nunca fez curso particular e as aulas no colégio não ajudaram muito. Ela resalta que a exposição precoce ao idioma – a partir de jogos, TV, filmes, livros – foi fundamental para a passagem do nível básico para o intermediário. “Lembro que nunca perdi a oportunidade de praticar: às vezes, eu entrava em chats na internet em inglês só para poder utilizar a leitura e a escrita”.

**Soluções à vista** – Tentando minimizar o problema, a UFRGS busca alternativas, como oferecer disciplinas linguísticas eletivas, abertas aos alunos, além do Núcleo de Estudo de Línguas Estrangeiras (NELE). As aulas são de baixo custo, visando à acessibilidade dos estudantes. O maior problema, porém, é a falta de professores e de espaço físico na Universidade. Bruna, por exemplo,

tentou duas vezes uma vaga no curso de inglês, mas não conseguiu ser sorteada. “Não devo ser a única com essa dificuldade de ingresso. Acho que uma ampliação do número de vagas seria um investimento necessário à formação dos alunos, principalmente para aqueles com baixa renda”, diz. Para o professor Maillard, uma medida efetiva seria a introdução nos cursos de graduação de aulas, palestras e leituras em outras línguas. E, defende o professor, seria importante que essas atividades fossem realizadas em diversos idiomas, como espanhol, alemão ou mandarim.

Em relação ao Ciências sem Fronteiras, com o objetivo de preparar o maior número de alunos para as candidaturas, o Ministério da Educação criou o “Inglês sem Fronteiras”. A primeira iniciativa que compõe o projeto é o “My English Online” – curso de cinco níveis, disponibilizado na internet. Existe um plano para que as aulas passem a ser presenciais nas instituições de ensino superior públicas, com eventuais visitas de professores americanos. Paralelamente, o MEC oferece aos estudantes a realização do TOEFL (Test Of English as a Foreign Language) – exame que visa avaliar o nível de inglês dos estudantes e cuja pontuação mínima depende da universidade de destino.

Além de chamar a atenção para certas falhas no sistema de ensino brasileiro (problemas que, ao longo tempo, exigirão reparação), programas de mobilidade acadêmica têm muito a contribuir ao país. As poucas vagas disponibilizadas nos programas, segundo a professora Simone, geram uma competição benéfica: a busca pela qualificação aliada à experiência multicultural resulta em uma verdadeira evolução no setor científico brasileiro. “Por causa dessa internacionalização do ensino, os alunos de agora são mais qualificados em relação àqueles de dez anos atrás e, daqui a uma década, haverá uma capacitação ainda maior”, defende a professora Ana Luiza.

Rafaela Pechansky, estudante do 7.º semestre de Jornalismo da Fabco





# “Para que nunca mais aconteça”

**Cláudio Fonteles**  
*Ex-presidente da Comissão Nacional da Verdade diz que é missão do órgão salvaguardar a democracia*

Ânia Chala

O ex-procurador da República Cláudio Lemos Fonteles emocionou a plateia de jovens estudantes, professores e técnicos que assistiram à Aula Magna do dia 7 de maio no Salão de Atos da UFRGS. Com uma eloquência que não poupou críticas àqueles que buscam desqualificar o trabalho da Comissão Nacional da Verdade (CNV), ele defendeu o direito de a sociedade brasileira conhecer todos os fatos que envolveram perseguição, prisão, tortura, morte e desaparecimento dos opositores do estado ditatorial militar instalado no país de 1964 a 1985.

Com a preocupação de garantir a continuidade da democracia para as gerações futuras, Fonteles ressaltou que a missão de tornar conhecida a atuação dos agentes do estado envolvidos na repressão não se esgotará ao final do prazo estabelecido pela Presidência da República – maio de 2014. Para ele, cabe à sociedade civil organizar-se para manter viva a memória dos crimes cometidos em nome da segurança nacional.

Ao final da aula, o reitor Carlos Alexandre Netto anunciou a criação de uma Comissão da Verdade na UFRGS, a fim de estudar os expurgos de membros da comunidade universitária ocorridos durante a ditadura.

Uma das três comissões da verdade atuantes no século XXI, ao lado das da Costa do Marfim e do Quênia, a CNV promoveu, no dia 21 de maio, uma sessão pública para apresentar a prestação de contas de seu primeiro ano de atividades.

A CNV realizou 15 audiências públicas em nove unidades da federação e percorreu todas as cinco regiões do país. Nesse período, foram colhidos 268 depoimentos de vítimas, testemunhas e agentes da repressão da ditadura civil-militar de 1964-1985, sendo 207 de vítimas e testemunhas de graves violações de direitos humanos. Desses depoimentos, 59 foram reservados e 148 em audiências públicas. Também foram ouvidas 37 pessoas diretamente ligadas ou envolvidas com o aparato de repressão.

Na entrevista a seguir, concedida ao JU antes da realização do balanço de atividades da CNV, Fonteles esclarece aspectos da atuação da Comissão.

**A proposta de criação da CNV, ainda no governo Lula, causou irritação em diversos setores, principalmente nas Forças Armadas. O senhor avalia que essa tensão permanece como um obstáculo à atuação da Comissão?**

A gente entrou em um processo interessante de diálogo. Houve um fato importante que propiciou isso, que foi a realização de um almoço promovido pelo ministro da Defesa Celso Amorim, com a presença dos comandantes do Exército, da Marinha e da Aeronáutica e de três membros da comissão: Rosa Cardozo, Paulo Sérgio Pinheiro e eu. Tivemos um longo bate-papo que começou às 10h da manhã e foi terminar por volta das 14h. Foi uma conversa muita franca e, em alguns momentos, houve divergências, mas tudo dentro de um clima de respeito mútuo. Hoje, sinto que os militares da ativa vivenciam a vocação constitucional das Forças Armadas. Tenho conversado inclusive com lideranças que atualmente estão na reserva e que têm muito clara a ideia de jamais intervir nos conflitos político-partidários de qualquer natureza. Os brasileiros demonstraram ao mundo, por meio de um ato concreto, algo que talvez hoje não receba o devido valor: nós afastamos um presidente, o senhor Fernando Collor de Mello, dentro do padrão democrático e seguindo exatamente os parâmetros constitucionais. Concorro que há resistências entre aqueles militares

do passado, mas isso por parte de alguns setores. Por isso, avalio que o quadro é de diálogo e bastante promissor.

**Em abril, a CNV anunciou a intensificação da coleta de depoimentos para o relatório final. Já existe um calendário definido para essas atividades?**

Sim, há um calendário. Inclusive no final de maio haverá reuniões com todos os comitês estaduais. E, na sexta-feira, dia 10, teremos duas importantes inquirições: a do ex-sargento Marival Chagas e a do coronel Brilhante Ustra [no depoimento, transmitido ao vivo, o coronel e ex-agente da repressão negou sua participação em sessões de tortura e disse ter agido sob ordens de seus superiores]. Há, por exemplo, pessoas que estão prestando depoimentos em caráter anônimo, um direito garantido por lei.

**A Diretriz 25 do Programa Nacional dos Direitos Humanos, que propõe a “revogação das leis remanescentes do período de 1964-1985 que sejam contrárias às garantias dos Direitos Humanos”, é vista com desconfiança por aqueles que veem nesse trecho uma possível intenção de revogar a Anistia. Existe essa possibilidade?**

Pela CNV jamais, porque estaríamos agindo contra a lei. O texto da nossa lei diz textualmente “a CNV não tem atribuições persecutórias nem judiciais”. Nós não somos o Ministério Público para acusar, nem juízes para julgar. Porém, como a anistia é hoje um tema centrado no Poder Judiciário, ele ainda não está definido, ao contrário do que as pessoas equivocadamente acreditam. O Supremo ainda não definiu essa questão. Em um primeiro momento de votação, o tribunal entendeu que a Lei da Anistia estava recepcionada pela Constituição. Mas a OAB fez um recurso, que tem efeitos modificativos, sim. Claro, no campo penal isso é mais difícil de acontecer. Mas o Supremo pode vir a alterar a sua concepção. Por outro lado, nada impede que a sociedade civil, diante de um quadro apresentado pela CNV, se mobilize e busque alternativas. Agora, é importante ressaltar que o nosso trabalho tende a

terminar em dois grandes momentos que se articulam: por lei, temos de fazer um relatório circunstanciado, dizer o que aconteceu, cobrindo um quadro maior possível. Por consequência disso – e esse me parece o nosso grande momento –, temos também de apresentar recomendações. Para quem? Para os governos e para a sociedade civil, a fim de que nunca mais se tenha aqui a experiência do estado ditatorial militar. Para que se salve a democracia. Nessas recomendações, podemos criar vários tópicos concretos para o desenvolvimento do estado democrático que aí está. Por exemplo, o ensino militar no Brasil. Mas uma coisa tem de ficar muito clara: ninguém na Comissão Nacional da Verdade tem nada contra Exército, Marinha e Aeronáutica. Essas instituições militares são fundamentais em um regime democrático. Portanto, não estão em jogo. O que está em jogo, como a própria Lei n.º 9.140 diz, são os agentes públicos que pertenceram a essas instituições e que denegriam seu significado constitucional, agindo fora da lei em um estado que foi fora da lei. Foram essas pessoas que conspiraram e comprometeram essas instituições. Hoje, para um jovem que queira seguir a carreira militar não pode ser ensinado que aconteceu uma revolução neste país. O que ocorreu foi um golpe! E é preciso dizer-lhe também que sua missão é não permitir que isso ocorra novamente.

**De que forma essas recomendações serão apresentadas?**

Eu estou dando o meu ponto de vista, que pode até ser vencido, mas esse é um aspecto que levantarei no momento de apresentarmos as recomendações. Penso que o Ministério da Educação, que cuida de definir os currículos de ensino neste país, há de dizer o seguinte: o currículo de História ou de Sociologia a ser ministrado nessas instituições vai ter lugar para explicar isso, e os professores vão ensinar desta forma e não daquela. Isso porque temos a Lei n.º 9.140 de 1995, votada pelo parlamento e sancionada pelo ex-presidente da República Fernando Henrique Cardoso, que diz que o estado

brasileiro violou gravemente os direitos da pessoa humana.

**Em comparação aos demais países envolvidos na Operação Condor, diz-se que o Brasil estaria atrasado no que tange ao esclarecimento dos atos ocorridos durante o regime militar? O senhor concorda?**

Isso poderia remeter à outra questão: criar uma Comissão Nacional da Verdade 40 anos depois vale à pena? Claro que sim! Para esclarecer casos, como o de um gaúcho chamado Edmur Peres Gonçalves, que foi sequestrado por policiais argentinos dentro de um avião no aeroporto de Ezeiza, Buenos Aires, levado para Brasília e, depois, dado como desaparecido. Ele estava vindo de Santiago do Chile para fazer um tratamento ocular em Montevideu, que seria custeado pelo ex-presidente João Goulart, e foi preso e levado ao Brasil em um avião da Força Aérea Brasileira. Isso tudo eu tenho documentado, mas ainda não possuo informações sobre o que realmente teria acontecido a ele após sua chegada ao país. Nesse clarear dos fatos, o longo decurso de tempo sem dúvida dificulta. Contudo, por outra ótica, levantar uma reflexão sobre o estado ditatorial militar com base nessas verdades reveladas tornará possível conscientizar professores, estudantes e outros segmentos da sociedade civil em todo o país. E então fazer uma coisa que nossos vizinhos talvez não tenham feito. Veja que o próprio Paraguai teve um golpe de estado branco agora, e o povo aceitou com a maior tranquilidade. Porque derrubar um presidente da república em 24 horas é golpe! Daí se conclui que não basta punir, é preciso que a sociedade internalize o compromisso com a democracia.

## Por dentro

Para acompanhar o trabalho da Comissão Nacional da Verdade, acesse o site [www.cnv.org.br](http://www.cnv.org.br).

“Os agentes públicos pertencentes às Forças Armadas que agiram fora da lei denegriam essas instituições”



Cláudio Fonteles durante Aula Magna realizada no Salão de Atos da Universidade



# Os efeitos da crise em Portugal

## Sociologia

*À medida que a crise se torna insuportável para o cidadão comum, mais pessoas se mobilizam para a ação coletiva*

Ânia Chala

“Depois do sexto trimestre de recessão, a austeridade parece começar a desaparecer do discurso dos líderes europeus. A uma voz, os responsáveis políticos começam a rejeitar mais medidas recessivas, e as palavras crescimento, desemprego e estímulo fiscal são cada vez mais comuns.” A chamada, publicada na edição online da seção de Economia do *Diário de Notícias* português no último dia 23 de maio, traduz o desânimo vivido em muitos países da zona do euro. As dezessete nações que aderiram à moeda única estão em contração desde o terceiro trimestre de 2011 e, este ano, a economia da zona monetária deve voltar a cair. A Comissão Europeia até já reduziu a sua previsão de crescimento pela quinta vez desde novembro de 2011. Um dos países mais seriamente afetados pela crise econômica mundial, Portugal vive momentos de tensão entre sindicatos e governo.

Para analisar os aspectos envolvidos na crise portuguesa, o JU ouviu o sociólogo e professor da Universidade de Coimbra Pedro Hespanha. Um dos coordenadores do *Dicionário Internacional da Outra Economia*, ao lado do professor Antonio David Cattani, do Departamento de Sociologia da

UFRGS, Pedro também está à frente do grupo de estudos sobre Economia Solidária (ECOSOL/CES) da tradicional universidade lusa. A entrevista a seguir foi concedida via e-mail.

*Do ponto de vista social, quais têm sido os resultados das reduções e dos cortes de benefícios aplicados em seu país?*

Se, do ponto de vista econômico, a política de cortes, muitas vezes cegos – como aplicar uma redução de 10% na despesa corrente de todos os serviços dos diferentes ministérios –, não tem conseguido garantir o cumprimento das metas acordadas com a *troika* [formada pela Comissão Europeia, o Banco Central Europeu e o Fundo Monetário Internacional] em matéria de redução da despesa pública, do ponto de vista social, ela tem tido um efeito devastador na economia das famílias. Podemos incluir aí a redução dos salários dos funcionários públicos, os cortes nos subsídios sociais, a redução da acessibilidade e a perda de qualidade nos serviços públicos, a redução da coparticipação do Estado no preço de bens e serviços sociais, a precarização do emprego, sobretudo para os mais jovens, e o aumento do desemprego [entre 2008 e 2012, a taxa de desemprego mais do que duplicou, passando de 7,6% para 16,9%]. Também entram nessa lista o aumento da idade para a aposentadoria, os cortes nas pensões e a elevação do preço do aluguel de imóveis para a habitação. Em regra, aos cortes nos direitos sociais corresponde um aumento da despesa privada que não é visível na contabilidade do Estado, mas que, de uma forma agregada e em curto prazo, se reflete em toda a economia, quer pela via do consumo quer pela via da economia pessoal. Por outro lado e não menos importante, os cortes na despesa social repercutem a médio e longo prazos na produtividade social dos recursos humanos, tolhida pela degradação das condições de vida nos domínios afetados pelos cortes, problema particularmente grave em tempos

de crise. Não é por acaso que os países que mais investem nas políticas sociais e culturais são também aqueles nos quais essa produtividade é mais elevada. Importa ainda sublinhar que, apesar do muito que já foi feito para reduzir a despesa pública, o anunciado programa de reforma estrutural do Estado Social ainda está por ser feito. Porém, os seus contornos não estão definidos, em boa medida devido à radicalidade do projeto neoliberal do atual governo e da própria *troika*. Se há um consenso alargado na sociedade portuguesa, ele diz respeito ao reconhecimento do grande avanço que a Revolução dos Cravos trouxe aos portugueses com a criação de um estado social de bem-estar, traduzido na manifesta melhoria das suas condições de vida. No debate aceso que se abriu em Portugal a esse propósito, é forte a

## O anunciado programa de reforma estrutural do Estado Social ainda está por ser feito

consciência de que o Estado e os seus serviços podem ser mais bem geridos, que existem muitos desperdícios e gastos imorais e que nem sempre o Estado mostra ter respeito pelos cidadãos. Só que, quando os governantes falam de cortar as gorduras do Estado, é da carne viva do nosso sistema de proteção social que estão a falar. Além disso, para o pensamento liberal dos nossos governantes, o Estado tem uns dedos magros onde teima em pendurar demasiados anéis e, por isso, a solução é aliviá-lo desse peso a qualquer preço. É por isso que

o corte das “gorduras do Estado” na Segurança Social rapidamente incidiu em serviços de primeira linha, como o abono de família, os apoios à deficiência, o rendimento social de inserção (RSI) e os subsídios de desemprego.

*Os protestos e as grandes mobilizações urbanas têm obtido algum êxito no sentido de impedir ou de minimizar o impacto dos cortes sobre a camada mais pobre da população?*

O que há de novo no Portugal de hoje é que as forças políticas que não conseguiram dismantlar o Estado Social quando estiveram no poder fazem-no hoje descaradamente sob a capa das políticas de austeridade e com o argumento da inevitabilidade dos cortes nas despesas públicas. Muitas pessoas, confundidas com a assertividade desse argumento e receosas da incerteza, ou perante o risco de perder o emprego, preferem calar a sua indignação e suportar os efeitos dessas políticas de cortes. Porém, as coisas estão a mudar à medida que a crise se torna cada vez mais insuportável para o cidadão comum, e as últimas manifestações públicas ocorridas em Portugal mostraram como pessoas que nunca se mobilizaram para a ação coletiva o fazem agora com enorme empenho. O governo, acreditando nos brandos costumes do povo português, desvalorizou de início essa mobilização popular, mas cedo se apercebeu de que teria aí um problema. E teve: graças às manifestações massivas de 15 de setembro de 2012 e de 2 de março de 2013 o governo recuou. Na primeira, a proposta de reforma da taxa social única (que aumentava as contribuições dos trabalhadores para o sistema de segurança social e baixava as dos patrões) foi metida na gaveta; e na segunda, a maior de sempre e coincidente com a visita de uma missão da *troika*, se bem que não tenha conseguido o objetivo de levar o governo a demitir-se, teve um impacto muito elevado na mídia internacional e amarrou as reivindica-

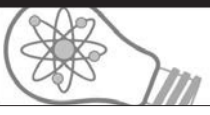
ções ao cumprimento das promessas da Revolução de 1974, designadamente ao cumprimento da Constituição política, que garante direitos sociais alargados a todos os portugueses. Talvez por essa razão o Tribunal Constitucional veio a desaprová-los mais tarde um conjunto de medidas previstas no Orçamento de Estado de 2013, sobrepondo-se àqueles que defendem que em contexto de crise o direito constitucional tem de ceder às exigências da economia.

*O senhor acredita que os sindicatos e as organizações sociais estão conseguindo enfrentar o desemprego? De que forma?*

Não creio que os sindicatos tenham tido um papel decisivo no enfrentamento da crise e do seu mal mais visível: o desemprego. Desde os anos 90, o sindicalismo português, tal como em geral o do resto da Europa, passa por enormes dificuldades que têm a ver, simplificando muito, com dois fatores: por um lado, a vaga de liberalização das relações laborais que culminou com a publicação de um código de trabalho claramente desfavorável aos trabalhadores em 2003 e com a pressão da União Europeia para a flexisecurização do emprego; por outro lado, certa incapacidade para reconhecer e representar os *outsiders* do mercado de trabalho – os trabalhadores precários, temporários, pobres e desempregados – que, por isso, ficaram à margem do movimento sindical. Mais do que os sindicatos, cujas confederações nacionais insistem na intensificação da ação sindical clássica, baseada no reforço da sindicalização, na organização de base e na ação reivindicativa, as organizações sociais, cada qual à sua maneira, multiplicam-se em esforços para minorar a condição dos desempregados, na maior parte dos casos em ações de matriz assistencialista, inventando formas de ajuda solidária, mobilizando recursos na base do voluntariado ou fazendo campanhas para angariar fundos.

A política de cortes do governo português tem tido um efeito devastador na economia das famílias, em especial, sobre os aposentados





# Galáxias vistas em arco



O trabalho foi possível graças ao uso dos telescópios SOAR (acima) e Gemini Sul. No detalhe abaixo, imagem obtida pelo Gemini Sul em que as elipses indicam candidatos a arco gravitacional

## Astrofísica

### Grupo do Instituto de Física pública artigo sobre sistema de pesquisa de arcos gravitacionais

O artigo científico saiu em abril na prestigiada revista *Monthly Notices of the Royal Astronomical Society*, editada pela Oxford University Press. Cristina Furlanetto, professora do Departamento de Astronomia da UFRGS, liderou a publicação. O ponto de partida foi sua tese de doutorado, desenvolvida sob a supervisão do professor Basílio Santiago, da UFRGS, e do pesquisador Martín Makler, do Centro Brasileiro de Pesquisas Físicas (CBPF). Cristina, no doutorado, quis uma proposição prática e observacional: “Me interessei pelos arcos gravitacionais porque é um fenômeno muito interessante, gera imagens espetaculares, que, estudadas, dão muitas informações da cosmologia como um todo”. Além dos três nomes citados, outros seis brasileiros participam do trabalho, dentre treze autores.

O projeto utilizou um telescópio baseado no Chile e foi batizado de SOAR GRavitational Arc Survey (SOGRAS). Uma amostra de cerca de 50 aglomerados de galáxias foi observada com o equipamento em duas oportunidades, a primeira em 2008 e a última em 2010. Nos dois anos seguintes, a inspeção sobre as imagens obtidas lançou boas probabilidades de existirem arcos gravitacionais em seis aglomerados de galáxias. Três sistemas identificados foram confirmados pelas informações adicionais trazidas pelo telescópio Gemini Sul, que permite obter imagens com melhor resolução e profundidade do que as do telescópio SOAR. Os dois equipamentos são instalações adicionais do Cerro Tololo Interamerican Observatory (CTIO), localizadas em Cerro Pachón, montanha dos Andes chilenos.

Arcos gravitacionais acontecem quando a luz de uma galáxia atrás

de um aglomerado de galáxias é tensionada pelo campo gravitacional do aglomerado, levando a um desvio característico da imagem dessa galáxia. O fenômeno pode contribuir como nova comprovação da teoria da relatividade de Einstein.

**Fundo histórico** – Há quase cem anos, Albert Einstein celebrou o resultado de uma observação astronômica realizada em Sobral, no Ceará: “A questão que meu cérebro formulou foi respondida pelo radiante céu do Brasil”. Na ocasião dessa resposta, o dia 29 de maio de 1919, uma segunda expedição britânica, que aportou na Ilha do Príncipe, teve o céu encoberto pela passagem de nuvens no momento da totalidade do eclipse solar. O objetivo dessas observações era visualizar e fotografar estrelas ao redor do Sol, o que somente seria possível quando o disco solar fosse encoberto pela Lua. A comparação da posição relativa das estrelas com a posição normal das mesmas, em fotografias obtidas à noite, permitiria a medida da deflexão – uma pequena mudança de direção da luz vinda de tais astros cintilantes. O ângulo de deflexão visto em Sobral correspondeu ao dobro do anotado em manuscrito de 1913 pelo cientista alemão. Depois, em 1916, Einstein acertou o cálculo, que se comprovaria em 1919.

**Menor distância** – A teoria da relatividade geral descreve a gravidade não como uma força, como na física newtoniana, mas como a própria curvatura do espaço-tempo – depressões feitas no pavimento invisível do universo devido a objetos pesados. O que leva as coisas a cair é uma propriedade do espaço. A queda é o trajeto “linear” normal num *continuum* de espaço-tempo tetradimensional e curvo. Como ilustração disso, a professora Cristina Furlanetto sugere que se pense o espaço-tempo como uma cama elástica: uma bolinha de gude jogada sobre ela correria livremente, mas ocorreria de outro modo se uma bola de boliche fosse posta no centro. A bola distorceria o plano e criaria nele uma depressão. Assim, uma bolinha de gude jogada na cama seria

“atraída” para o caldeirão feito pela bola de boliche.

Observada a teoria de Einstein, a menor distância entre dois pontos passa a ser uma geodésica do espaço, tornado curvo devido à presença de corpos maciços. Na luz de estrelas e galáxias distantes, o espaço curvo tem efeitos de distorção e aumento. A discussão sobre o que pode ser lente gravitacional passou ao longo do século XX para outras constelações além das formadas por estrelas. Em 1937, o suíço Fritz Zwicky falou em aglomerados de galáxias, que, pelo intenso campo gravitacional, podem afetar a propagação de luz e causar o fenômeno de lenteamento forte na imagem de galáxias de fundo. Quarenta anos depois, ocorreu a detecção do primeiro conjunto de arcos gravitacionais (as imagens lenteadas).

Segundo Cristina, os arcos gravitacionais são bastante raros. O lenteamento requer um alinhamento entre o observador, o aglomerado de galáxias e a galáxia de fundo. Aglomerados suficientemente massivos se oferecem como telescópios naturais, como caleidoscópios cósmicos. Geram de modo deformado várias imagens de uma mesma galáxia, que não poderia ser identificada apenas com os telescópios atuais, direcionados a um campo do espaço. A maior parte da massa de um aglomerado é formada pela chamada matéria escura, que não interage com a luz e tem composição desconhecida para a cosmologia e a astrofísica. Para a professora: “Só pela matéria luminosa na forma de estrelas, a conta não bate. Falta matéria para explicar, por exemplo, a dinâmica da galáxia ou do aglomerado como um todo”.

A análise de imagens de arcos gravitacionais produz informações sobre o modelamento da distribuição de matéria dos aglomerados de galáxias nos quais foram observados. Cristina tem interesse de ver como os aglomerados foram configurados e evoluem com o tempo: “Estudar se aglomerados mais jovens, se mais velhos são eficientes ou não para produzir o lenteamento. Esse lenteamento só depende da massa, ou seja, daquela deformação que causa isso, então ele é puramente gravitacional. Assim, posso calcular a massa

total que causou isso. Eu tenho a matéria total e, estimando a luminosidade daquele aglomerado, sei a matéria visível que tem ali. E a diferença seria a componente da matéria escura”.

**Procedimento com telescópio** – Cristina explica por que não executa as tecnologias do observatório de Cerro Tololo. Para evitar gastos de transporte e de tempo e pelo receio de algum inesperado mau tempo vir a encobrir a atividade observacional. Em vista disso, em geral os pesquisadores organizam um programa de observação e o enviam a um comitê julgador. O projeto, aceito, entra em uma agenda conforme a prioridade. E o desempenho a fim de colher dados científicos cabe a um astrônomo residente no Chile.

Curiosamente, no entanto, são também remotas as manobras do observador residente. O escritório do SOAR fica em La Serena, cidade a cem quilômetros de Cerro Pachón. O astrônomo nesse escritório conversa por meio de videoconferência com os operadores na sala de controle – técnicos no alto da montanha que abriga o telescópio. A operação de direcionar e acionar aparelhos acoplados ao telescópio e espelhos do equipamento está sujeita a um catálogo de manipulações e de-

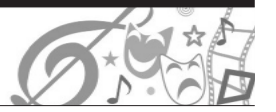
pende de cada programa levado a cabo a um anoitecer. Metaforicamente, o trabalho envolve uma sala de espelhos com a cadeia autor-residente-técnico. Nas palavras da coordenadora do projeto SOGRAS: “A ciência está cada vez mais colaborativa. Hoje não se faz um projeto grande sozinho”.

Para o SOGRAS, foram obtidas imagens em alta resolução, brutas, que passaram por medidas padronizadas para eliminar efeitos espúrios. A coloração ocorreu por meio de filtros que cobriram três faixas do espectro da luz visível. No intuito de visualizar candidatos a arcos gravitacionais, as imagens são alinhadas e sobrepostas, formando nova imagem por empilhamento.

Outra correção é a chamada ótica adaptativa. Ela corresponde a polimentos adicionais no espelho dos equipamentos para cancelar ou minimizar a distorção atmosférica. O recurso vem sendo utilizado em telescópios que acompanham os dados do Dark Energy Survey (DES), pesquisa em que seguem trabalhando os pesquisadores do SOGRAS com cientistas colaboradores de outras instituições.

Gustavo Duarte Fagundes, estudante do 7.º semestre de Jornalismo da Fabico





# Leitura do cotidiano

## Jornalismo

Obra da área da Comunicação discute a revista em suas formas, processos e lógicas

Everton Cardoso

Não há como, hoje, entrar em uma banca de revistas e não se impressionar com a profusão e variedade de títulos. Pensar, a partir desse contexto, a respeito do que é, como se caracteriza, de que trata esse tipo de veículo jornalístico, então, é um desafio bastante complexo. É nesse sentido que a coletânea de textos *A revista e seu jornalismo* se apresenta, nas palavras de um dos organizadores – Reges Schwaab –, como uma “complexa e integradora abordagem dos diferentes enfoques possíveis sobre o atual cenário da produção jornalística em revistas impressas”. De acordo com o professor do curso de Jornalismo da Universidade Federal de Ouro Preto, a intenção era dar conta, na medida do possível, de um objeto bastante frequente em pesquisas do campo da Comunicação. “Foi uma preocupação constante conseguir compor uma obra que atendesse aos questionamentos e interesses de quem faz, lê ou pesquisa jornalismo e revistas”, justifica. “O principal objetivo era o de condensar uma gama de assuntos e enfoques que pudesse oferecer um saber amplo sobre esse tema”, completa Frederico Brandão, também professor da UFOP e organizador da obra.

*Ângulos e processos* é o título da primeira parte do livro, que agrupa nove textos que pretendem dar conta de uma caracterização da revista como produto jornalístico e dispositivo discursivo que opera a partir de uma lógica própria. A pesquisadora e professora da Universidade Federal de Santa Catarina Daisi Vogel, no capítulo de sua autoria e que abre a coletânea,



por exemplo, descreve a revista como um “arquivo do contemporâneo”, ou seja, um lugar em que seria possível encontrar uma manifestação da experiência cotidiana a partir do recorte proposto pelo jornalismo. Seguindo pela mesma linha, a docente do Departamento de Comunicação da UFRGS Marcia Benetti discute o fato de as revistas se posicionarem como um lugar de autoridade no que diz respeito a vários aspectos relativos a uma época: “O que se diz, o que se pensa, como se aprende, do que se gosta, o que se deseja, aonde se vai, como se enfrentam os dilemas da existência”. Na segunda parte da obra – *Práticas e produto* –, dez textos abordam aspectos que vão desde os gêneros textuais mais típicos desses veículos – reportagem, entrevista, perfil e textos opinativos – até questões relativas à visualidade desses produtos.

Neste caso, o projeto gráfico em si, a capa, as fotografias e os infográficos são objeto de discussão. Para encerrar a obra, o mercado, o ensino e a pesquisa sobre revistas são problematizados.

Frederico destaca que a obra detém-se sobre aspectos que englobam a produção da revista – a sua presença na sociedade, principalmente a partir das lógicas de consumo e circulação –, e os significados comunicacionais e sociais desses processos. “A revista da qual falamos é a impressa. É dela e sobre ela que focalizamos esse conjunto de elementos”, ressalva. Figuram, portanto, as especificidades do jornalismo que circula por essas publicações que normalmente têm em sua periodicidade, no público a que se destinam e nos assuntos de que tratam os determinantes para seus principais traços. “O livro oferece um mapa de múltiplas entradas para alcan-



### A revista e seu jornalismo

Frederico de Mello B. Tavares e Reges Schwaab (orgs.)  
Porto Alegre: Penso, 2013  
304 páginas  
R\$ 56 (valor médio)

çar o jornalismo de revista e discuti-lo”, diz Reges. E aclara: “Não quer superar bibliografias anteriores, mas abrir um novo intervalo para se pensar”.

Entre as expectativas dos organizadores, agora, estão os trabalhos de pesquisa que possam surgir a partir do passo por eles dado, sobretudo com o uso de *A revista e seu jornalismo* como referência. “É quando teremos uma resposta mais efetiva sobre a contribuição

que ele traz e as indagações que incita. Se novos pesquisadores avançarem e propuserem diferentes olhares a partir do que o conjunto de autores propõe, será muito gratificante e interessante”, prospecta. Na avaliação de Frederico, há, a partir da obra, um possível caminho: “Empiricamente, o livro não tratou das revistas online e da convergência de mídias. Mas isso pode ser apontado como algo a se pensar futuramente”.



### Educação indígena sob o ponto de vista de seus protagonistas

Juçara Benvenuti, Maria Aparecida Bergamaschi e Tania Beatriz Iwaszko (orgs.)  
Porto Alegre: Editora Evangraf, 2013 | 373 páginas | Obra para doação às escolas indígenas e bibliotecas escolares | Solicitação: cidabergamaschi@terra.com.br

## Histórias da aldeia

A obra reúne textos de indígenas de origem kaingang que participaram do Curso de Especialização em Educação Profissional Integrada à Educação Básica na Modalidade Jovens e Adultos para Indígenas.

Sem fugir do modelo geral dos cursos de especialização na área, essa primeira edição do Proeja Indígena contemplou os modos de vida e os saberes da tradição ameríndia, elegendo como diretriz o diálogo entre os conhecimentos e saberes tradicionais indígenas e os conhecimentos e saberes acadêmicos. Assim, durante o curso, os estudantes foram incentivados a abordar em seus trabalhos de conclusão temas que visavam aproximar as propostas escolares dos saberes e conhecimentos indígenas. Dessa forma, os 22 textos que compõem a obra resultaram desses TCCs e estão reunidos em três capítulos: *Escritas indígenas: um pensamento germinal*; *Escritas reflexivas do estar-junto*; e *Abrindo o debate*.

Clarice dos Santos Berton é professora em Água Santa, cidade da região nordeste do estado. Em seu texto, ela conta o quanto sua história está marcada pela vida escolar. Num primeiro momento, como criança kaingang que, embora tenha frequentado uma escola indígena na própria aldeia, não reconhecia aquele lugar como sendo seu. Depois, já adulta, como professora que buscou “fazer da escola indígena um lugar que pensa a partir de onde está localizada, da mesma forma que pensa junto com as pessoas que ali estão, e não para elas ou por elas”.

No artigo assinado pela especialista em Educação Joziléia Inácio Jacodsen, a autora escreve sobre a importância dos grafismos kaingang na concepção da identidade social, mostrando a relevância das marcas para o dualismo dos clãs Kamé e Kajru. Marcas amplamente conhecidas pela sociedade não indígena por meio dos desenhos geométricos nos artesanatos comercializados nos centros urbanos.

“O que a maioria das pessoas desconhece é que aquelas figuras possuem toda uma identidade que caracteriza os kaingang”, observa. Durante esse trabalho de confecção, Joziléia diz que ocorre uma das mais belas maneiras de ensinar dentro da pedagogia kaingang, quando os mais velhos contam de suas origens: quem são, de onde vieram, qual sua metade Kamé ou Kajru, e como devem ser os desenhos das cestarias a partir dessas diferenciações clânicas.

Ainda que em menor número, o livro também traz registros sobre a cultura guarani. Um deles é o de Ângela Maria Dorneles Martins, que escreve a partir de observações e conversas com os guarani da Tekoá Porã (tekoá = aldeia em guarani) e Tekoá Nhuu Poty. Segundo a autora, um dos desafios que a educação guarani tem enfrentado é fazer a ponte entre uma escola que privilegia a escrita e uma cultura centrada na tradição oral. Ela ressalta: “Se uma das formas com que os indígenas aprendem/ensinam é através da oralidade, um movimento importante na escola é partir da oralidade para a escrita”. (Jacira Cabral da Silveira)



### A galeada de Darwin: sobre o debate criacionismo/darwinismo

Sandro de Souza | Rio de Janeiro: Record, 2009  
224 páginas | R\$ 38 (valor médio)

## Em defesa da Ciência

Obras de divulgação científica são raras em nosso país. As que tratam de temas como a teoria evolucionista de Charles Darwin de forma acessível ao público leigo são mais raras ainda. Este livro, lançado há quatro anos, merece destaque não só pelo debate que propõe entre as teorias do criacionismo e do darwinismo, mas também pelo estilo simples e didático adotado por seu autor, pesquisador da bioinformática, uma área de ponta da ciência contemporânea.

Diante do assalto, por vezes aberto, por vezes dissimulado, dos defensores da pseudociência criacionista, Sandro de Souza deu o passo que poucos cientistas brasileiros se dispõem a dar: expor de modo interessante e compreensível como funciona a ciência natural e por que os resultados obtidos por meio de seu método figuram entre os conhecimentos mais confiáveis de que podemos dispor.

A partir dos dados de uma pesquisa que apontou a rejeição das descobertas científicas a respeito da evolução dos organismos vivos por parte de um terço da população brasileira, para a qual o homem foi criado por Deus há 10 mil anos, Sandro produziu um livro que procura dialogar com o leitor. Para tanto, lança mão de duas linhas de argumentação. A primeira reflete o papel da religião na construção das sociedades humanas. Mesmo em países mais bem colocados que o Brasil em qualquer ranking de educação, a componente religião está sempre presente. “É como se a fé/crença de um indivíduo fizesse com que ele

ignorasse a experiência empírica e as conquistas da ciência”, argumenta o autor. A segunda, corresponde à percepção de que a maioria da população brasileira é ainda muito ignorante quanto ao papel da ciência e da tecnologia na construção do que somos hoje. E, como reitera Sandro, “não se valoriza o que não se conhece”.

Já no primeiro capítulo, intitulado “A resposta materialista de Darwin”, ele apresenta o darwinismo, salientando não apenas seu impacto nas ciências da vida, mas também suas implicações em outras áreas do conhecimento, como a filosofia. Ao analisar o pensamento do naturalista britânico, Sandro salienta que Darwin não apenas era descrente quanto a uma convivência entre ciência e religião, como também estava convicto de que “a teologia e a ciência deveriam tomar o seu próprio curso”. Para o autor, Darwin provavelmente quis dizer que a teologia e a ciência representam domínios diferentes do pensamento humano. Ele argumenta que, enquanto a ciência lida com o mundo natural por meio do método científico, a religião lida com o sobrenatural por meio da fé.

Assim, diante do cenário preocupante em que movimentos criacionistas, representados sobretudo por partidos políticos e igrejas, se organizam de forma sistemática e figuras políticas se manifestam a favor do ensino do criacionismo nas escolas públicas brasileiras, este livro representa uma pequena introdução a esse rico e controverso debate. (Ânia Chala)



Durante masterclass, Joel Quarrington escutou e avaliou as apresentações dos instrumentistas



# Alma da orquestra

## Contrabaixo

*Apesar das grandes dimensões, do custo elevado e da alta demanda de estudo, o instrumento conquista espaço e prestígio*

Everton Cardoso

Era quinta-feira, 2 de maio, e Ivan Peraca estava no palco do Auditorium Tasso Correa do Instituto de Artes da UFRGS. “Vou tocar o primeiro movimento do Concerto n. 2 em Si Menor para Contrabaixo e Piano ou Orquestra, de Giovanni Bottesini”, anunciou ao público de cerca de 30 pessoas que participava da primeira masterclass do IV Encontro Internacional de Contrabaixistas Milton Romay Masciadri. Ao iniciar a obra do italiano, Ivan aparentava o nervosismo esperado de quem está ali diante de uma plateia altamente especializada. O contrabaixista segurava o instrumento que tinha mais ou menos a sua estatura de maneira algo rígida: a mão direita tomava o arco e o fazia deslizar sobre as cordas; a esquerda, sobre o braço do instrumento, pressionava as cordas, indo de cima a baixo. Mas essa apresentação não era como as que ele está habituado a fazer em Curitiba, cidade onde atua como instrumentista e professor.

**Delicadeza lírica** – As masterclasses são práticas frequentes em escolas e conservatórios: um músico de renome é convidado a assistir apresentações de instrumentistas-alunos e a avaliá-los. No caso da aula realizada na Universidade, o convidado era um dos mais renomados

contrabaixistas da atualidade em nível mundial, o canadense Joel Quarrington – que atua nas orquestras do National Arts Center, de Ottawa, no Canadá, e na Sinfônica de Londres. “Pfff”, brinca ao referir-se à sua experiência como executante do instrumento cordófono, afinal são 47 anos – sendo que ele tem 58 de idade. “Podemos tocar contrabaixo de muitos jeitos diferentes, mas temos de estar relaxados”, começa a avaliação do professor em relação à apresentação de Ivan. Quarrington, então, toma o instrumento e demonstra o que quer dizer: debruça-se sobre o contrabaixo, curvando-se para poder alcançar com mais facilidade as notas agudas a que o aluno só chegava com certa dificuldade, já que os dedos da mão esquerda precisam descer até a metade do instrumento. “O som deve ser lírico”, ensina. Para tal, demonstra como os dedos devem deslizar sobre as cordas para marcar as notas, e não saltitar sobre elas. Assim, em vez de um som após o outro, aparecem gradações intermediárias que dão à peça executada o lirismo de que o professor falava.

“Tocar contrabaixo é muito físico, demanda muito movimento”, diz Quarrington. Por isso, os menos experientes tendem a usar demasiada força. “Leva tempo para se aprender a usar o peso, para relaxar em vez de fazer força a fim de obter resultados.” Para o músico, esse aprendizado exige dedicação, afinal aplicar força, neste caso, é um reflexo quase involuntário diante das dimensões avantajadas do contrabaixo. “Mas menos é mais”, sentencia. Tempo, aliás, é o que Ivan diz precisar para, depois da masterclass, internalizar o que lhe disse Joel: “Absorvo ouvindo e espero ‘a ficha cair’. Vou lembrando de cada detalhe aos poucos. Tanto da minha participação como das dos colegas”.

**Difícil e caro** – Quando se vê um contrabaixo, o que geralmente impressiona são as dimensões e o consequente peso do instrumento. É por isso, conta Joel

Quarrington, que até há pouco tempo normalmente eram homens corpulentos que se dedicavam ao instrumento. Tão grande é que, na abertura do encontro, ao dar as instruções para os participantes, o professor do Departamento de Música da UFRGS e organizador do evento Alexandre Ritter explicou o funcionamento de um ‘estacionamento’ de contrabaixos. O tamanho do instrumento é, por exemplo, uma das maiores dificuldades da estudante de bacharelado em Música da UFRGS Luíza Prohmann. Ela mora em São Leopoldo e, quando tem de vir à capital para suas aulas, toma o trem inclusive em horários de pico. “As pessoas se apavoram”, diverte-se. “O pessoal do trem me conhece. Às vezes, entro na plataforma de desembarque para não pegar tanto movimento”, conta sobre a rotina que até já lhe rende certa fama. Há quem a pare na rua para parabenizá-la. Ainda que estude bacharelado, Luíza tem apreço pelo ensino do instrumento. “Acho divertido ensinar contrabaixo, principalmente no início, quando não há as exigências que vêm depois”, conta a partir de sua experiência com aulas para crianças e adolescentes.

Com uma carreira iniciada aos 16 anos na escola da Orquestra Sinfônica de Porto Alegre (Ospa), Eder Kinappe atua há sete anos como instrumentista do conjunto da capital. Neste ano, retornará ao lugar em que sua relação com o contrabaixo começou: será professor no Conservatório Pablo Komlós, que ora retoma suas atividades depois de um interím de nove anos. Na memória dos tempos de aprendiz, vencer o tamanho do instrumento foi seu maior desafio: as distâncias grandes entre as notas na mão esquerda e mesmo a distância entre as cordas, que gera uma dificuldade na mão direita, estiveram entre os aspectos a superar. Muito estudo e trabalho foram a maneira de adaptar o corpo a essa circunstância imposta pelo contrabaixo. Com uma passagem pela UFRGS como professor substituto, Eder diz que os

estudantes que optam por esse instrumento têm uma abordagem bastante diferente da dos demais que se dedicam ao aprendizado dos cordófonos: “Eles pensam muito em tocar em orquestra, diferentemente de um violinista, que almeja também ser solista. Lembro que foi assistindo a um concerto de uma orquestra pela televisão que me decidi”.

Eder aponta, ainda, outra dificuldade para quem queira iniciar a carreira como contrabaixista: o preço do instrumento. Segundo ele, um contrabaixo suficientemente bom para um músico iniciante não custa menos de R\$ 4 mil. “De jeito nenhum se poderia tocar numa orquestra com um instrumento desses. Precitaria de um investimento mínimo de R\$ 10 mil”, enfatiza, já que é o músico o responsável pela aquisição. “É como ter a casa própria”, compara para dizer o quanto ele mesmo se sente mais seguro ao tocar desde que adquiriu seu instrumento.

**“Para tocar qualquer peça é preciso ter técnica apurada”**

Alexandre Ritter

Na avaliação do contrabaixista da orquestra da cidade de Corpus Christi e professor da University of Texas Pan-American – ambas nos Estados Unidos – George Amorim, a adaptação ao instrumento é fundamental para que se consiga produzir música de qualidade. “Demora para se encontrar o instrumento ideal. Às vezes tenho alunos empacados, e é o instrumento. É difícil encontrar o economicamente ideal e acusticamente satisfatório”, explana.

**Preconceito superado** – Apesar de

suas dimensões e da atenção que desperta, o contrabaixo não goza do mesmo prestígio que os demais instrumentos do naipe cordófono sinfônico. Normalmente, nesta ordem, violinos, violas e violoncelos o antecedem nas preferências – principalmente dos compositores. Tanto é que só muito recentemente começou a aparecer uma maior quantidade de peças para orquestra com solo para contrabaixo. Na opinião de Alexandre Ritter, isso se deve ao fato de o contrabaixo não ter uma característica essencialmente solística. Mesmo sem a notoriedade de seus pares, os contrabaixistas precisam investir muito tempo e energia em seu aprendizado. “Sempre digo aos alunos que é muito ingrato. É muito técnico. Para tocar qualquer peça fácil é preciso ter técnica apurada. Mais ainda para repertório solo!”, exclama.

O professor de contrabaixo do Departamento de Música da Universidade Federal de Santa Maria e também músico da orquestra da mesma cidade Diogo Lima atesta: “Há preconceito por parte dos demais instrumentistas e até dos contrabaixistas”. Para reforçar, cita o fato de somente no século passado terem surgido métodos de ensino específico para esse instrumento, o que acontecera muito antes para as demais cordas sinfônicas. “Só agora esses conhecimentos podem ser repassados com mais segurança e as pessoas conseguem tocar melhor. Não vejo mais como um preconceito. Quem faz cara torta já é exceção”, relativiza. Apesar desse status, no entanto, o contrabaixo é fundamental para a composição de um conjunto sinfônico. Essa é a avaliação do maestro Teraoka Kiyotakam, que tem estado à frente da Ospa como convidado anualmente nas últimas temporadas. “O contrabaixo faz uma orquestra soar como tal, em termos de cordas”, afirma. Segundo ele, o som não é notado pelo ouvinte médio – como o são, no caso, os violinos –, mas certamente sua falta é facilmente perceptível. “O contrabaixo torna os sons mais ricos, dá movimento”, resume.

► Redação Júlia Corrêa | Fone: 3308-3368 | Sugestões para esta página podem ser enviadas para jornal@ufrgs.br

## DESTAQUE



# V Festival de Violão

**Música** Encontro que reúne artistas ibero-americanos terá Yamandu Costa no espetáculo de abertura

Entre os dias 8 e 14 de junho, a UFRGS será palco para as atividades da quinta edição do Festival de Violão. O evento, organizado pelo Departamento de Música do Instituto de Artes e pelo Departamento de Difusão Cultural da PROEXT, terá masterclasses, palestras e cursos ministrados por diversos artistas ibero-americanos, além de recitais gratuitos. Estarão presentes violonistas como Mauro Marasco, do Uruguai, e Eduardo Castañera, da Argentina.

Yamandu Costa (foto) fará o show de abertura, no dia 8 de junho, às 20 horas, no Salão de Atos. O músico gaúcho diz estar contente em voltar a tocar no local, de onde tem uma das lembranças mais fantásticas de sua vida. Em 2001, em show no início de sua carreira, eram tantas pessoas querendo vê-lo que foi necessário realizar uma segunda sessão. "Era uma fila que dava voltas", recorda. Anos depois, no mesmo palco, o músico tocou ao lado de no-

mes como Guinga, Daniel Sá e Turibio Santos.

O violonista considera importante esse tipo de festival dentro da Universidade, pois representa uma oportunidade de encontro entre as culturas popular e erudita, possibilitada por um instrumento tão versátil como o violão. "Com essa iniciativa de colocar o violão dentro da Universidade, daqui a alguns anos vai ter uma geração toda com essa dupla formação: o acabamento da música erudita, com leitura de partituras, e o relaxamento da popular, mais instintiva."

Sobre o repertório previsto, ele adiantou que a apresentação terá um tom bastante autoral. "Vou tocar as músicas e composições que tenho feito nos últimos tempos", revela Yamandu, que já prepara o poncho para se prevenir do frio do inverno gaúcho, já que atualmente vive no Rio de Janeiro.

O Festival foi o único projeto brasileiro selecionado pelo

programa Ibermúsicas. O coordenador do evento, professor Daniel Wolff, acredita que isso se deva a dois aspectos: o fato de o encontro estar vinculado a uma instituição de ensino como a UFRGS, que possui um Programa de Pós-graduação em Música reconhecido pela Capes como o melhor do Brasil, e de promover o intercâmbio cultural entre artistas de diferentes países. "Na primeira edição, contávamos com profissionais exclusivamente do Rio Grande do Sul. Hoje, o Festival ganhou proporções bem maiores, com a participação de artistas de cinco países da América do Sul."

As inscrições para as atividades do evento vão até 3 de junho e podem ser realizadas pelo e-mail festivalviolaoufrgs2013@gmail.com ou diretamente no Departamento de Música do Instituto de Artes (Rua Senhor dos Passos, 248 - sala 62). Mais informações pelo telefone 3308-3034 ou pelo site www.difusaoacultural.ufrgs.br.

## MÚSICA

## 9.º Concerto Oficial da OSPA

Concerto em homenagem à Sociedade Veterinária, com regência de Brett Shuster. No repertório, músicas de Igor Stravinsky e Richard Strauss. Estudantes, funcionários e professores da Universidade podem retirar ingressos-cortesia na recepção do Salão de Atos a partir de 30 de maio. A distribuição é feita por ordem de chegada.

Data: 4 de junho  
Local e horário: Salão de Atos, 20h30

## Unimúsica – Lusamérica, Canções

O projeto celebra a cultura luso-brasileira trazendo músicos portugueses reconhecidos internacionalmente. As inscrições para o encontro com os artistas devem ser feitas pelo site www.difusaoacultural.ufrgs.br

ENCONTRO MARIA JOÃO E MÁRIO LAGINHA Bate-papo com a cantora e o pianista, cuja parceria musical já dura quase duas décadas.  
Data: 5 de junho  
Local e horário: Sala II do Salão de Atos, 20h



IRIDESCENTE – MARIA JOÃO E MÁRIO LAGINHA Show em que os músicos portugueses apresentam o repertório de seu último disco.  
Data: 6 de junho  
Local e horário: Salão de Atos, 20h  
Entrada franca, mediante doação de 1kg de alimento não perecível. Ingressos disponíveis a partir das 8h do dia 3 de junho no mezanino do Salão de Atos.

## Itinerância Cultural no Clínicas

A iniciativa tem como objetivo levar ações culturais a diferentes espaços da Universidade e da cidade, sensibilizando o público por meio da música.

YAMANDU COSTA Concerto com o renomado violonista gaúcho.

Data: 7 de junho  
Local e horário: Anfiteatro Carlos César de Albuquerque, do HCPA, 19h30  
Entrada franca

## Vale Doze e Trinta

Ações culturais no Câmpus do Vale, promovidas pelo DDC, nos intervalos do meio dia. Entrada franca.

TEATRO GEOGRÁFICO Intervenções cênicas criação dramaturgia nos espaços do Vale, com coreografia de Digo Mac.  
Data: 11 de junho  
Local e horário: Praça Central do Câmpus do Vale, 12h30  
Em caso de chuva, o show será transferido para o dia seguinte, no mesmo horário.

CONJUNTO BLUEGRASS PORTO-ALEGRENSE Show com o grupo que interpreta músicas norte-americanas de raiz, influenciadas pela cultura de imigrantes escoceses, irlandeses e afro-americanos.  
Data: 18 de junho  
Local e horário: Praça Central do Câmpus do Vale, 12h30  
Em caso de chuva, o show será transferido para o dia seguinte, no mesmo horário.

## Núcleo da Canção

Projeto que visa ampliar o espaço reservado à troca de conhecimentos sobre a canção popular brasileira de forma disciplinar.

AUDIÇÃO COMENTADA DO ÁLBUM XAXADOS E PERDIDOS Com Simone Rasslan, Álvaro Rosa Costa e Beto Chedid  
Data: 24 de junho, segunda-feira  
Local e horário: Sala João Fahrión, 19h  
Inscrições pelo site www.difusaoacultural.ufrgs.br

## Interlúdio

Em sua quarta temporada, o projeto propõe um momento de pausa e de escuta por meio de recitais realizados ao meio-dia e trinta no Câmpus Centro. As apresentações têm entrada franca.

DIEGO FERREIRA E JULIO HERRLEIN Duo que apresenta um encontro de saxofone e guitarra.  
Data: 28 de junho  
Local e horário: Sala João Fahrión, 12h30

## DANÇA

## O Sul da América do Sul

Espectáculo com o Grupo Tchê de Danças Tradicionais Gaúchas da UFRGS, apresentando danças representativas do Paraguai, Uruguai, Argentina, Chile e do Sul do Brasil. O grupo tem coordenação da professora Malu Oliveira.

Data: 1.º de junho  
Local e horário: Salão de Atos, 20h  
Entrada franca, mediante doação de roupas para a campanha do aparalho.

## ONDE?

► Anfiteatro Carlos César de Albuquerque  
Ramiro Barcelos, 2.350  
Fone: ?

► Auditório da Fabico  
Ramiro Barcelos, 2.705  
Fone: 3308-5380

► Auditório do ILEA  
Bento Gonçalves, 9.500 - prédio 43.222  
Fone: 3308-6941

► Auditorium Tasso Corrêa  
Senhor dos Passos, 248  
Fone: 3308-4303

► Instituto de Psicologia  
Ramiro Barcelos, 2.600  
Fone: 3308-5066

► Museu da UFRGS  
Oswaldo Aranha, 277  
Fone: 3308-3390

► Sala Alziro Azevedo  
Salgado Filho, 340  
Fone: 3308-4318

► Sala João Fahrión  
Paulo Gama, 110 – 2.º andar  
Fone: 3308-3933

► Salão de Atos  
Paulo Gama, 110  
Fone: 3308-3058

## CURSOS &amp; PALESTRAS

## Fronteiras do Pensamento

Curso que discute causas sócio-humanitárias globais. As conferências ocorrem no Salão de Atos da UFRGS, às 19h30min. Informações pelo site www.fronteiras.com.

MANUEL CASTELLS  
Sociólogo  
Data: 10 de junho

ANTÔNIO DAMÁSIO  
Médico e neurocientista  
Data: 24 de junho

## Atelier D43: Conversas com Artistas

Série de encontros promovida pelo projeto de pesquisa *Desenho, gesto e pensamento: procedimentos gráficos e outras mídias*. O convidado Eduardo Veras falará sobre o tema "Desenho como curadoria: mostra de Iber Camargo".  
Data: 11 de junho  
Local e horário: sala 43 do Instituto de Artes, 9h

## Entre a Lente e o Lápis: as mediações possíveis

O convidado do encontro mensal é o professor do IFCH Temístocles Cesar, cuja palestra terá como título "Ensaio sobre a representação histórica"  
Data: 12 de junho  
Local e horário: Sala João Fahrión, 19h  
Entrada franca

## Estudos Avançados em Ciências e Humanidades

Conferências realizadas pelo ILEA em seu auditório no Câmpus do Vale, das 14h às 16h. Entrada franca

"Padrões mundiais de saúde e mortalidade"  
Conferencista: Marcelo Zubaran Goldani (Faculdade de Medicina da UFRGS)  
Data: 20 de junho

"Epidemiologia: novas perspectivas"  
Conferencista: Cesar Gomes Victora (UFPEL)  
Data: 26 de junho

"Conhecimento científico, cultura e universidade"  
Conferencista: Livio Amaral (Capes/Instituto de Física da UFRGS)  
Data: 27 de junho

## EXPOSIÇÃO

## Unifoto 2013

RECORTES: AÇORES E BRASIL: UMA TROCA DE EXPERIÊNCIAS Mostra que apresenta um registro fotográfico da arquitetura açoriana.  
Data: até 14 de junho  
Local e horário: saguão da reitoria, das 8h às 18h

HARCOURT, ESCULTOR DE LUZ Exposição organizada pela Aliança Francesa que exibe fotos do estúdio Harcourt, de Paris. A mostra traz imagens de personalidades do mundo da cultura, das ciências e do esporte.  
Data: 20 de junho a 26 de julho  
Local e horário: saguão da reitoria da UFRGS, das 8h às 18h

## 12.000 Anos de História: Arqueologia e Pré-história do Rio Grande do Sul

Mostra do Museu da UFRGS sobre a história da arqueologia no RS. Visitação: até março de 2014, de segunda a sexta-feira, das 9h às 18h

## TEATRO

## TPE 2013

Projeto que apresenta espetáculos criados pelos alunos do curso de Teatro da UFRGS.

OS ALTRUISTAS Superstar acorda em seu apartamento depois de ter sofrido uma tentativa de assassinato e imagina que o corpo de baixo dos lençóis seja de seu namorado. Este é o ponto de partida do espetáculo originado na disciplina Atelier de Composição e Atuação Cênica I, que tem direção de Ander Belotto e orientação das professoras Patrícia Fagundes e Gina Tocchetto. Elenco: Natália Xis, Diego Acauan, Kevin Brezolin, Luiza Sansone e Diogo Verardi.  
Apresentações: 5, 12, 19, 26 de junho  
Local e horários: Sala Alziro Azevedo, 12h30min e 19h30min

## CINEMA

## Sonhos: Cinema e Psicanálise

Atividade de extensão do Núcleo de Pesquisa em Psicanálise e Cinema (NUPPCINE) do Instituto de Psicologia da UFRGS. O ciclo ocorre mensalmente e exibe filmes que trabalham com o aspecto onírico em suas narrativas. A mostra acontece no Auditório 1 da Faculdade de Biblioteconomia e Comunicação da UFRGS. Incrições pelo e-mail: sonhosemfilmes@gmail.com.



dos, 1996, 102min), de Paul Thomas Anderson Jogador veterano repassa seus truques para um rapaz fracassado. Além de auxiliá-lo nas apostas nos cassinos, ele o ajuda a conquistar uma jovem garçonne que nas horas vagas trabalha como prostituta.  
Sessão: 10 de junho

NÁUSEA TOTAL (*Bad Taste*, Nova Zelândia, 1987, 91min), de Peter Jackson Alienígenas invadem cidade do interior da Nova Zelândia e passam a viver disfarçados de seres humanos. O projeto dos extraterrestres é levar carne humana para uma rede de fast-food do planeta de origem.  
Sessão: 24 de junho

## Cinema no ILEA

Programação mensal organizada pelo Instituto Latino-Americano de Estudos Avançados. As exposições ocorrem sempre nas terças-feiras, às 17h, no auditório do ILEA, com entrada franca.



BLADE RUNNER (USA, 1982, 116min), de Ridley Scott Corporação desenvolve andróides mais evoluídos que o ser humano para trabalharem como escravos em outros planetas. Quando um grupo provoca uma revolta e foge para a Terra, um ex-policial recebe a missão de eliminá-los.  
Sessão: 4 de junho

## Cine F

Projeto de estudantes da Fabico que tem a proposta de retomar a prática do cineclubismo dentro da Universidade. Sessões às 18h30, com entrada franca no Auditório I da Fabico. Informações: facebook.com/cinefabico

JOGADA DE RISCO (*Hard Eight*, Estados Uni-

## Meu Lugar na UFRGS

FLÁVIO DUFRÁ/JU



## Perto das pessoas

Em uma sala do primeiro andar do Anexo 1 da reitoria, no Câmpus Centro, Helena Petersen senta-se atrás de uma mesa com flores e um computador. A assessora da Ouvidoria da UFRGS revela que, em quase 30 anos de Universidade, nunca tinha parado para analisar a sua história: “Eu só fui pensar na minha trajetória na UFRGS com o convite de vocês. A vida é tão corrida que a gente nem tem tempo”. Helena diz que suas histórias renderiam um livro só de lembranças. Para ela, “é um baíta orgulho dizer que trabalho aqui na Universidade, é uma coisa muito boa”.

Ingressou na UFRGS em 1984, por um concurso interno. Começou trabalhando na biblioteca da Escola de Enfermagem e, mais tarde, na secretaria da escola. Fez seus primeiros amigos logo no início da carreira, durante a campanha para as eleições da Associação dos Servidores da UFRGS e da UFCSPA. Os militantes que visitavam as unidades para divulgar suas propostas lhe perguntaram se ela gostaria de participar. “Eu aceitei por curiosidade para ver o que era e para chegar mais próximo da vida de um funcionário público.” Sua sede de querer saber mais a fez aceitar o convite, mesmo sendo uma novata nas questões de política. A chapa ganhou e Helena tornou-se diretora do Departamento de Cultura da Associação. Em seus dois anos de mandato viveu um período supergratificante: “Tive a oportunidade de me familiarizar com a Universidade como um todo, de conhecer os direitos e deveres dos funcionários públicos e de batalhar por isso”.

Como muitos de seus amigos militantes eram vinculados à Escola de Engenharia, Helena pediu transferência para ficar mais próximo deles. Trabalhou na Pós-graduação da Engenharia Mecânica por onze anos, época em que conheceu muitas pessoas. Após esse período, foi convidada pela Pró-reitoria de Planejamento para montar o planejamento estratégico da Universidade, no qual deveria ser feito um levantamento das necessidades de todas as unidades.

Quando jovem, Helena frequentou os cursos de História, Letras e Direito, mas não terminou nenhum deles, pois não era realmente o que queria. Depois de já estar trabalhando na Universidade, cursou Relações Internacionais aqui mesmo na UFRGS. Ao concluir o curso, foi convidada pela então reitora Wraza Panizzi para trabalhar na Secretaria de Relações Internacionais, por ser a única funcionária com formação nessa área.

Ela admite que a época mais feliz de sua vida foi durante a gestão do reitor José Carlos Hennemann e do secretário de Relações Internacionais Paulo Visentini: “Eles depositaram em mim uma confiança muito grande, acreditaram no meu trabalho e me deram várias oportunidades para crescer”, conta Helena. Na Relinter, ela pode trabalhar com outras universidades federais, vivenciando

uma grande troca de cultura. Foram dez anos de experiência, cuja marca mais forte foi o contato com os alunos, tanto que muitos deles escrevem para ela até hoje. A assessora relembra: “Meu apelido dentro da Secretaria era ‘mãe Relinter’, porque eu buscava os alunos de madrugada no aeroporto e os atendia mesmo nos finais de semana quando eram assaltados, principalmente os chineses, coitados. Eu estava presente na vida deles, em qualquer situação, sempre disposta a ajudar”. Helena julgava muito importante que o aluno estrangeiro tivesse um tratamento carinhoso, devido às complicações resultantes da mudança cultural. Da mesma forma, os alunos da própria UFRGS tinham total apoio quando viajavam.

Na gestão dos professores Carlos Alexandre Netto e Rui Vicente Oppermann, foi convidada, juntamente com a professora Ana Braga, para criar a Ouvidoria da UFRGS. Ela explica que foi um desafio, pois todos ouvem falar em um órgão como esse, mas poucos sabem o que significa. “É gratificante quando tu consegues ajudar alguém, já que ninguém entra aqui para trazer uma boa notícia. A gente atende toda a comunidade externa e interna”, conta a assessora, acrescentando que se considera muito privilegiada dentro da Universidade por poder trabalhar com pessoas que lhe proporcionam um aprendizado diferente a cada dia. “Gosto bastante desse desafio, porque no Brasil a ouvidoria é algo relativamente novo nas universidades.”

“Eu entrei menina e vou sair avô!” Assim Helena descreve sua evolução na UFRGS, creditando todo o seu aprendizado profissional à Universidade: “Ela me deu chances de ter um emprego, porque o ser humano precisa de um trabalho, e me deu também o conhecimento que me fez crescer”. Esse crescimento vem do fato de ela ter sempre dado o melhor de si em relação ao comprometimento, considerando-se por vezes exagerada. “Se eu chegar e falar que sou uma pessoa tímida, todo mundo vai rir, mas é verdade”, revela. Essa sua timidez foi mascarada com seu jeito alegre de ser. Ela possui tanto amigos aqui na UFRGS que no Bar do Antônio, por exemplo, eles já sabem até o que ela vai almoçar, sem precisar pedir. Considera-se uma pessoa de fácil trato e que se dá bem com todos. “Tenho amigos que cultivei dentro da Universidade e que frequentam a minha casa, que fazem parte da minha vida.” Seu lugar na UFRGS é “qualquer canto que eu possa me relacionar com o ser humano e com as pessoas. Atender as pessoas é o que eu mais gosto de fazer”.

**Manuela Martins Ramos, estudante do 4.º semestre de jornalismo da Fabico**

Esta coluna é uma parceria entre o JU e a UFRGS TV. Os programas serão exibidos no Canal 15 da NET diariamente, às 20h e às 23h.

## Perfil

# Destino: ciência

**Thaís Storchi Bergmann**  
*Reconhecida por descobertas sobre buracos negros, ela sabia que estava predestinada a ser cientista*

Samantha Klein

Não foi por convicção de criança que uma das astrofísicas mais reconhecidas da atualidade regulou o foco da lente para o estudo aprofundado das estrelas. A pesquisadora, que figurou entre os nomes mais citados em publicações científicas depois de descobertas em galáxias distantes da Terra e da observação do raro fenômeno da explosão de uma Supernova, chegou a ter o caminho da ciência desviado em certo momento da vida. Mas a pesquisa falou mais alto. Natural de Caxias do Sul, a professora já tinha, quando adolescente, um pequeno laboratório em casa onde fez os primeiros experimentos. Os pais não chegaram a incentivar o caminho da ciência, mas também não barravam a atividade que seria o embrião para uma carreira consolidada entre telescópios.

Thaís lembra que na adolescência utilizava um microscópio para observar as asas de insetos e, em tubos de ensaio, fazia algumas reações químicas junto com uma colega de escola. A pesquisadora nunca se distanciou do laboratório, embora admita que a chegada de uma prima apaixonada por Arquitetura a desviou momentaneamente do rumo da Astronomia. “Entre os 15 e 18 anos fui influenciada por ela, que foi morar conosco para terminar o Ensino Médio. Então, segui o caminho dela devido à convivência, mas logo percebi que a minha paixão era outra, mesmo sem saber exatamente o que em pesquisa”, recorda.

**Um quase desvio** – Dessa forma, a vida acadêmica da cientista começou entre croquis e desenhos técnicos. Porém, não duraria mais que um semestre. “Passava por aqueles antigos laboratórios de Física na UFRGS e queria estar lá, porque a Arquitetura definitivamente não era o meu objetivo”, relata. Conseguiu trocar de curso e logo mergulhou na Física e

em um mundo novo que ainda estava sendo construído na própria universidade com o início das primeiras disciplinas de Astrofísica. O professor Edmundo da Rocha Vieira foi fundamental para conduzir Thaís ao caminho do estudo das estruturas do universo.

Depois de retornar de um doutorado na Argentina, o pesquisador ofereceu uma bolsa de iniciação científica à aluna da graduação. “O interesse pela pesquisa veio junto com o engajamento na área e a necessidade do próprio professor. Fico pensando: se outro orientador tivesse me convidado a pesquisar, talvez tivesse aceitado. Na época não estava muito certa sobre qual área seguir. Hoje vejo jovens convencidos a ingressar no campo da Astrofísica que, eventualmente, percebem que não era exatamente o que queriam. No meu caso, estava convicta de que queria ser cientista, mas poderia ter seguido outros rumos também.”

## Os compromissos da mulher não são obstáculo para o estudo científico

**Mergulho no universo** – A atual chefe do Instituto de Física da UFRGS acabou se tornando referência mundial quando foi a primeira a observar um disco de acreção em torno do buraco negro no centro da galáxia NGC 1.097, distante 60 milhões de anos-luz da Terra. A descoberta, que ocorreu há 12 anos em Cerro Tololo, no Chile, comprovou a teoria de que essas misteriosas estruturas do universo podem sugar qualquer objeto que se aproxime.

Como se trata de uma estrutura muito distante, os pesquisadores utilizam a técnica de espectroscopia, que possibilita a visualização da movimentação de gases à altíssima velocidade, no caso, 10km/s. Essa é a assinatura de um buraco negro, porque somente um objeto com uma gravidade tão forte pode acelerar dessa forma. Já o brilho percebido pelos telescópios, resultado dos gases que giram no entorno do buraco, permite a detecção da estrutura.

A professora também fez parte do seleto grupo de astrônomos a ter acesso às imagens do Hubble no Instituto do Telescópio Espacial e estudou galáxias e

buracos negros no período de realização do pós-doutorado na Universidade de Maryland. Nos anos 90, o Hubble, com seus 2,5m, era considerado a última tecnologia em observação. Atualmente, Thaís faz parte do comitê científico do telescópio Gemini (que tem 8m), no qual o Brasil tem participação. A cientista ainda lembra que está em construção o Telescópio Europeu Extremamente Grande (E-ELT), que será instalado no Chile até 2018, vindo a proporcionar muito mais descobertas sobre planetas e galáxias, buracos negros e a expansão do universo.

**Mãe cientista** – A pesquisadora conta que a vida pessoal nunca foi empecilho para a sua realização profissional, mesmo quando os três filhos eram garotos e apesar da ausência do marido, que viajava tanto quanto ela. “É claro que meus filhos se ressentem um pouco porque foi um tempo [década de 90] em que eu viajava muito. Esse período foi o boom dos meus trabalhos”, relata a pesquisadora, que passava até uma semana em observatórios espaciais, momento em que viu a explosão da Supernova SN 1987A. “É um acontecimento raro e que chamou atenção do mundo inteiro à época. Também foi importante porque a última explosão mais próxima da Terra tinha acontecido há cerca de 400 anos.” Para observar fenômenos como esse, Thaís, por sorte, contou com a ajuda da mãe, que vinha de Caxias para cuidar dos netos.

A astrofísica lembra ainda de um lema da ex-orientadora Miriani Pastoriza que busca transmitir em palestras. “Ela dizia que os compromissos da mulher não são obstáculo para o estudo científico”, resume a professora, que se inspirou na mestre que, em algumas ocasiões, levou a filha pequena aos observatórios espaciais enquanto realizava pesquisas.

Apesar de atualmente passar mais tempo orientando alunos do doutorado no Instituto de Física e trabalhando com o laptop em uma pequena sala no Câmpus do Vale ou em casa no Morro Santa Teresa, as pesquisas com buracos negros supermassivos continuam. A cientista conta que mesmo a descoberta da década de 90 pode render novas informações importantes para a compreensão do universo. “Esse disco compacto brilhante que permite sabermos que existe um buraco negro é alimentado por gás que vem de fora. Estou estudando como esses gases ingressam e saem do buraco negro”, deixando claro que o limite para a pesquisa sobre o espaço é literalmente infinito.



FLÁVIO DUFRÁ/JU

### Você tem o seu lugar na UFRGS?

Então escreva para [jornal@ufrgs.br](mailto:jornal@ufrgs.br) e conte sua história – ou a de alguém que você conheça – com esse local



SÉRIE RETRATOS DE CRIANÇAS: LUCIANA ARCOS



MARCELO B. KLOHN



# Palpitar

EXPOSIÇÃO FOTOGRÁFICA DO COLETIVO AUTOR | PROJETO CONTATO

Em busca de algumas respostas ou com a proposta de criar mais perguntas e inquietações, a Escola de Fotografia Projeto Contato propôs a um grupo de fotógrafos explorar e pensar o universo da fotografia, posicionando-se à espreita do seu mundo, daquilo que lhe é caro e precioso ou desvendando uma esfera nebulosa prestes a se revelar. E, sem saber bem pra onde ir, é fundamental fazer antes de julgar. O fazer é imprescindível. Há diferenças entre aquilo que se imagina e a coisa realizada. Antes do fazer, é apenas um palpite, apenas a ideia.

Por meio de imagens induzidas por propostas temáticas, o grupo produziu séries de manifestações pessoais, buscando um encontro com a fotografia como expressão. Duplicando o sentido do Palpitar sugerido pelo título, as imagens navegam entre a ideia de sugestão e a de pulsação, frequência.

As *Ausências* ou espaços vazios de Lu Corseuil, os *Autorretratos* de Pedro Spohr e Deb Dorneles, os *Retratos de Crianças* de Luciana Arcos, os *Reflexos* de Marcelo B. Klohn e as *Cores* de Iara Nunes representam essa reflexão, propondo conectar suas experiências com as do público, como uma indicação de caminho, um palpite.

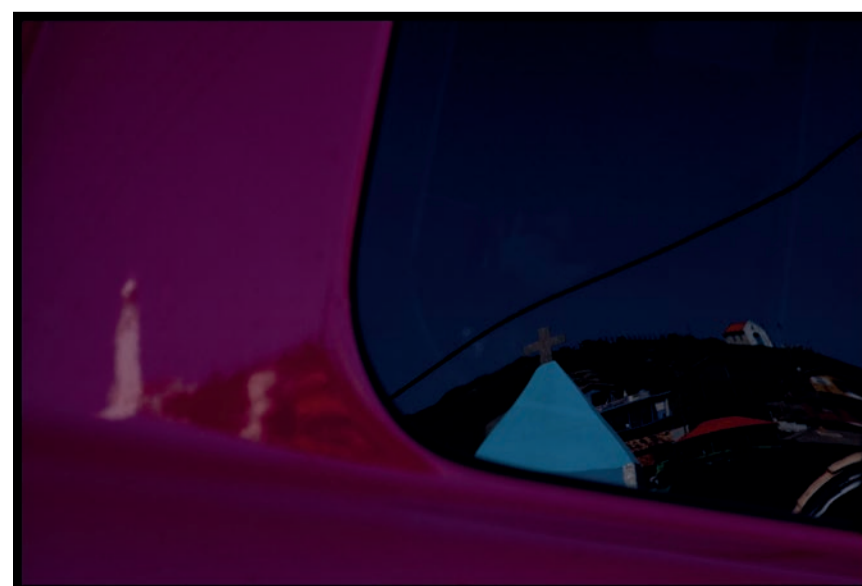


DEB DORNELES

**pal.pi.tar**, *v.i.*

1. Bater, pulsar, ter agitação convulsiva.
2. *pop.* Dar opinião, dar palpite.

AS FOTOGRAFIAS DE PALPITAR ESTÃO EM EXIBIÇÃO NA GALERIA DOS ARCOS DA USINA DO GASÔMETRO ATÉ O DIA 16 DESTE MÊS. AS SÉRIES COMPLETAS PODEM SER VISTAS TAMBÉM NA WEB, EM [WWW.PROJETOCONTATO.COM](http://WWW.PROJETOCONTATO.COM).



IARA NUNES



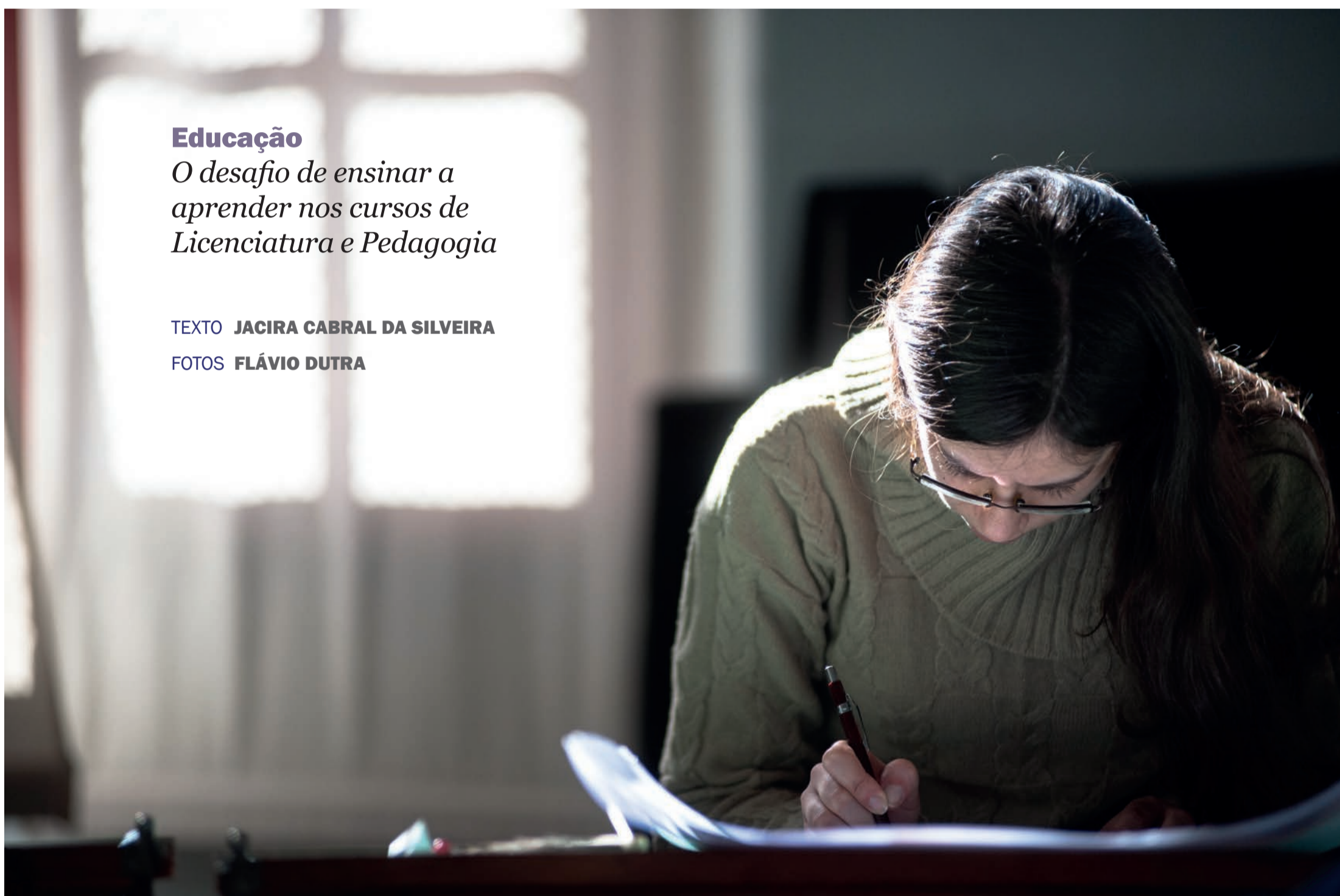
# Compromisso com a formação docente

## Educação

*O desafio de ensinar a aprender nos cursos de Licenciatura e Pedagogia*

TEXTO **JACIRA CABRAL DA SILVEIRA**

FOTOS **FLÁVIO DUTRA**



Conforme especialistas, no mundo inteiro a escola assume uma importância sem igual na história contemporânea, por isso se faz necessária uma reinvenção da prática docente

O ministro da Educação, Aloizio Mercadante, afirmou no início do ano que o Brasil tem condições de matricular na escola 100% das crianças a partir de 4 anos até 2016. Tal expectativa baseia-se na Lei n.º 12.796, publicada na edição do dia 5 de abril do Diário Oficial da União. De acordo com o artigo 6.º da nova legislação, que se ajusta à Lei de Diretrizes e Bases, é “dever dos pais ou responsáveis efetuar a matrícula das crianças na educação básica a partir dos 4 anos de idade”. Com isso, estados e municípios têm até 2016 para garantir a oferta a todas as crianças a partir dessa idade.

A versão anterior do artigo fixava a obrigatoriedade a partir dos 6 anos. Mas, em 2009, uma emenda constitucional tornou obrigatório ao governo oferecer educação básica e gratuita dos 4 aos 17 anos, assegurada inclusive a sua oferta gratuita para todos os que a ela não tiveram acesso na idade própria.

Para Maria Beatriz Luce, professora de *Política e Administração da Educação* da Faculdade de Educação da UFRGS e membro do Conselho Nacional de Educação de 2004 a 2008, essa obrigatoriedade que o Brasil assume reflete uma tendência atual: “Nunca, no mundo inteiro, a escola foi tão importante quanto é hoje. Se antes ela foi um lugar para poucos, hoje nós estamos pensando que é o espaço pelo qual todas as pessoas têm de passar um período de suas vidas,

e esse período é cada vez mais longo”.

Com o aumento da demanda por bancos escolares, espera-se crescimento proporcional na outra ponta: o corpo docente. Porém, se forem levados em conta os índices de procura pelos cursos de licenciatura no país, a perspectiva é preocupante. De acordo com os dados do Censo do Ensino Superior de 2012, divulgados pelo MEC, entre as áreas de formação, o maior crescimento ocorreu nos cursos tecnológicos, que tiveram aumento de 11,4% na procura, enquanto os cursos de licenciatura registraram o menor interesse e ficaram praticamente estagnados, com 0,1% de crescimento.

**Bem público** – A cada novo vestibular, a UFRGS oferece vagas em 17 licenciaturas e, anualmente, coloca no mercado uma média de 480 novos professores. Instituída em 1970, a Faculdade de Educação (Faced), além de dispor de 60 vagas semestrais para o Curso de Pedagogia, participa da formação pedagógica das licenciaturas por meio das disciplinas da área da didática e do acompanhamento do estágio docente de dez licenciaturas. Desde 1972 a Faced também contribui para o desenvolvimento de pesquisas com seu Programa de Pós-graduação, além de realizar atividades de extensão, como cursos, seminários e simpósios.

Considerando não apenas o aumento da

demanda pela formação docente, mas também as exigências de adequação dessa formação às reconfigurações da escola, a faculdade vem centrando suas preocupações em quatro eixos norteadores: docência e currículo em tempos e espaços escolares e não escolares; pesquisa e políticas educacionais; modalidades/concepções/novas tecnologias: presencial e a distância; educação pública e licenciatura.

Responsável pela disciplina *Educação Contemporânea, Didática, Currículo, Planejamento* na Faced e também respondendo pela vice-coordenação da Coordenadoria das Licenciaturas (Coorlicen), Sonia Ogiba salienta a responsabilidade social da Universidade em formar futuros professores dentro de uma concepção de educação como bem público: “Fazemos isso por meio de aproximações ao cotidiano da escola, assim como a outros espaços não escolares, através de práticas de estudos e de ações de extensão que visem articular docência e pesquisa desde o início da formação do futuro educador”.

**Formadores** – Além da mudança do perfil do aluno da escola, a universidade também tem diversificado tanto seu perfil docente, com o ingresso de novos professores concursados, quanto seu perfil estudantil, pela implantação do sistema de cotas. Conforme Maria Beatriz Luce, esse novo professor chega com uma

formação fortemente voltada à pesquisa. Mas se, por um lado, o aprofundamento teórico é importante para a carreira do pesquisador, o excesso de especificidade do conhecimento em determinada área geralmente dificulta a flexibilidade desse professor ingressante em abordar temas que não sejam aqueles pontuais de sua área de formação.

“O curioso”, diz Rosa Maria Bueno Fisher, do Departamento de Estudos Especializados da Faced, “é que existe o outro lado da moeda”. Cita como exemplo de perfil que se contrapõe ao de professor ingressante, voltado fortemente à pesquisa, uma das novas professoras de seu curso que trouxe na sua bagagem, além de referencial filosófico, toda uma prática como professora do interior do estado. Como resultado, ao ministrar suas aulas para as licenciaturas, a repercussão foi muito positiva: “Isso porque tinha experiência com docentes, atuando com outros professores de artes nas escolas onde trabalhou”, observa.

Com base nesse exemplo, Rosa comenta que a seleção de professores deve levar em conta o currículo dos concorrentes como um todo, e não apenas focar a produção científica. Muitas vezes, ressalta, existem professores que não tiveram tempo de escrever artigos justamente porque estavam “absolutamente absorvidos em suas práticas de salas de aula”.

# O caminhar

...caminhando. A célebre frase do poeta espanhol Antonio Machado (1875/1939) ilustra a capacidade de interação própria de atividades que caracterizam a formação docente desenvolvidas junto à Faculdade de Educação (Faced): estágio e extensão. Seja desde o início do curso, como acontece na Pedagogia, seja nos últimos semestres das licenciaturas, os futuros professores passam pelo frio na barriga de enfrentar – pela primeira vez – uma sala de aula inteiramente sua. Há quem arrepie e desista, enquanto outros seguem adiante justamente porque gostaram desse tipo de adrenalina. E quando sobra um tempo ou se é conquistado por uma ideia sedutora de algum professor, encara-se também um projeto de extensão.

Sérgio Lulkin, professor de Teatro na Faced, está acostumado a viajar pelo interior do estado, arrancando caretas e performances acrobáticas de professores e pessoas comuns: “Eles respondem com um afeto, muitas vezes traduzido em produtos coloniais”. Nesses encontros são comuns também as aulas da geografia e da história da região: “Aprendo onde passava o trem, a história da cigana que não foi aceita e praguejou contra o rodeio e, desde então, chove em todos os rodeios”. Aos poucos, a partir de tais narrativas que vão sendo produzidas naturalmente, é possível localizar tipos humanos e etnias locais. Sérgio explica que essa troca ocorre como uma injeção subcutânea, que vai liberando aos poucos o que cada um dos lados dá à relação que se estabelece nos projetos de extensão.



Sérgio Lulkin durante oficina de teatro na Escola Municipal de Ensino Médio Emílio Meyer

SÉRGIO LULKIN/ARQUIVO PESSOAL

## Extensão é pesquisa aplicada

A recepção é acolhedora. Sérgio Lulkin diz que o trabalho de palco e a atividade de extensão universitária se aproximam porque primam pela ‘escuta’ – a disposição de ouvir de onde e de que forma o outro fala. Essa convicção fica evidente também no momento em que recebe a reportagem do Jornal da Universidade em sua sala no sétimo andar da Faculdade, onde DVDs e livros se espalham pela mesa principal. Antes de a repórter começar a fazer as perguntas, ele pede licença e lê um miniconto que diz um pouco da profissional que acaba de sentar à sua frente.

“Extensão para mim é pesquisa aplicada”, define o professor, que ingressou na Universidade em 1991 pelo Departamento de Arte Dramática do Instituto de Artes (IA), mas internamente, algum tempo depois, transferiu-se para a Faced, passando a integrar o grupo de docentes do Departamento de Ensino e Currículo (DEC). Além de ministrar a disciplina

*Educação e Teatro*, obrigatória para os estudantes de Pedagogia, ele orienta os estágios dos alunos de Teatro do IA. Junto e misturado a tudo isso, Sérgio há mais de 20 anos realiza projetos de extensão com crianças e jovens surdos.

Sempre empolgado ao falar de seu trabalho, Lulkin diz que mesmo antes de iniciar sua vida acadêmica já realizava oficinas e atividades culturais com pessoas surdas. Ainda que os grupos com os quais segue desenvolvendo esses projetos sejam pequenos, geralmente menos de dez alunos, esse universo tem-se ampliado ao longo dos anos, considerando-se as adesões por parte dos alunos conquistados pelos projetos de extensão coordenados por ele. Recentemente, essa iniciativa foi reconhecida institucionalmente, com a designação de duas bolsas para seus alunos. Uma das bolsas está vinculada ao projeto realizado por Márcia Berselli na Escola de Surdos Bilíngue Salomão Watnick; a outra é destinada ao proje-

to sob a responsabilidade de Adriana Somacal, que faz oficina de teatro para adolescentes surdos em espaço cedido pela Casa de Cultura Mário Quintana. “Já é o terceiro ano que esse trabalho de extensão tem a parceria da Secretaria da Cultura do Estado”, comemora o professor. “Além das propostas de expressão teatral, Adriana também aborda questões sobre cultura e arte com seus alunos, porque a carência de intérpretes para os surdos é geral em todos os segmentos”, explica o professor-ator.

Para Sérgio, o convívio intenso com a comunidade surda “é um encontro intercultural dentro de uma sociedade e, ao mesmo tempo, um lugar de investigação permanente”. Embora esse estudo não se enquadre no que ele chama de grande pesquisa organizada de forma padrão, é nesse espaço da extensão “que conseguimos realizar pesquisa e também despertar o interesse dos alunos por essa atividade”. Ele confessa que há muito foi

seduzido pela estética da língua de sinais, que representa com grande facilidade determinadas narrativas: “É a possibilidade de trabalharmos com outras expressões a não ser aquela a partir das palavras”, completa.

Outro projeto, esse coordenado por Sérgio, é dirigido a estudantes da escola regular, com quem realiza oficinas de contação de história e teatro. Essa atividade tem origem no projeto de extensão que ele há anos desenvolve com apoio do MEC, envolvendo professores em atividade em escolas do meio rural. Nessas oficinas, ele trabalha recursos do drama, de jogos teatrais e também aspectos físicos, como motricidade e lateralidade: “São ações que representam o universo vivo de crianças e adolescentes e que são resgatadas a serviço do teatro para que o professor desperte. O que pretendo é acordar os corpos”.

Com relação à orientação em estágio docente, Sérgio comenta o quanto é

recompensador constatar os frutos. Um deles é o Núcleo de Teatro da Escola Municipal de Ensino Fundamental da Vila Monte Cristo, em Porto Alegre, espaço que ele ajudou a criar há mais de 15 anos e que segue em ótimo estado de conservação e uso: “Não é só mais uma sala de aula, tem um camarinzinho e uma pequena plateia. É a quarta geração de estagiários que levo lá”.

Verdade, pois dias antes da entrevista ao JU, quando Sérgio visitou a escola para acompanhar duas de suas estagiárias, Herlon Hóltz e Renata Stein, ficou surpreso ao descobrir que as atuais responsáveis pelo teatro da escola são ex-alunos seus da UFRGS: Neusa Rocha e Mateus Gonçalves. “É isso que falo de uma extensão que se torna eficaz [ele não separa extensão e ensino]. Existe uma rede que há muitos anos se expande para a comunidade, e voltar a ela, nessas matrizes, nessas instituições, favorece uma avaliação do trabalho feito”.

“Existe uma rede que há muitos anos se expande para a comunidade, e voltar a ela, nessas instituições, favorece uma avaliação do trabalho feito”

Sérgio Lulkin, professor da disciplina de Educação e Teatro

# ...o se faz...



As anotações de pesquisa de Paula Poli seguem o modelo do caderno de registros da época da Licenciatura em Química

## O prazer das anotações

Sobre a bancada, o caderno vai registrando passo a passo as observações do experimento. A foto mostra a tonalidade do azul que a substância assume ao longo do processo. “Não é qualquer azul, é este azul.” Quanto mais detalhados forem os registros, maiores as chances da pertinência das próximas intervenções. Na capa do caderno, os créditos identificam a autora: Paula Poli Soares, doutoranda em Química Orgânica, laboratório K 215, Câmpus do Vale.

Antes de vestir o avental branco de pesquisadora, Paula usou jeans na maior parte do tempo de seu estágio no final do Curso de Licenciatura em Química, realizado na UFRGS de 2000 a 2006. Foi durante esse período que ela desenvolveu essa ‘dependência’ das anotações: “Isso, eu juro, aprendi com os cadernos do Nelton”, assegura, lembrando a insistência com que seu professor de didática em Química na Faculdade de Educação, Nelton Luis Dresch, estimulava as estagiárias a desenvolverem o hábito do registro da rotina docente em construção.

Tais anotações só poderiam ser feitas em cadernos, escritas a punho, nada de arquivos eletrônicos em tablets ou notebooks – essa era uma das exigências. Com o passar do tempo, além de entender o porquê das incansáveis recomendações do professor com relação aos registros, Paula passou a detalhamentos como colar no caderno até mesmo os bilhetes que recebia dos alunos, assim como seus comentários: “O aluno disse que eu falei muito rápido; o aluno falou tal coisa do meu jogo”. Depois, tudo era comentado com Nelton, na busca de refletir sobre a prática, tirar dúvidas, fazer aprofundamentos, etc.

“Tínhamos de aprender a olhar além do óbvio, do lugar confortável daquele que já sabe o conteúdo. Precisávamos enxergar com os olhos do aluno”, reprisa. A partir de tais observações anotadas no caderno, Paula diz que conseguia melhorar suas aulas. Muitas vezes surpreende-se com sua incapacidade de responder a perguntas tão simples, e a saída era um seco: “Ah, porque é assim”. Mas quando voltava à orientação com Nelton, seguiam-se diálogos como este: “Porque a gente faz isso?”. Rindo, ele devolvia a pergunta: “Essa resposta é tua. Por que é que tu fazes assim?”. Paula retrucava: “Ora, porque todo mundo faz assim”. Então Nelton encerrava: “Então foi porque tu não pensaste em fazer diferente”.

As provocações do orientador e a exigência de aprofundar os conhecimentos teóricos acerca de cada conceito e conteúdo a serem trabalhados com os alunos na aula seguinte davam a medida exata do trabalho exaustivo de final de curso. Isso contrariava os comentários maldosos de colegas do Instituto de Química, para quem o curso de bacharelado era mais difícil do que o de licenciatura. Paula, inclusive, ingressou no bacharelado em Química, mas migrou para a licenciatura, seduzida pela atividade de sala de aula depois que substituiu uma colega durante os quatro meses de licença-maternidade.

Essa dupla experiência permitiu-lhe defrontar-se com abordagens diferentes para trabalhar com o conhecimento e a aprendizagem. À medida que foi se apropriando do tratamento didático dos conteúdos duros da Química com as aulas de Nelton, Paula foi reajustando seus conhecimentos específicos a uma

nova concepção, capaz de traduzir esses conceitos para seus futuros alunos: “E isso só foi possível porque na orientação trabalhávamos conceitos adjacentes para chegar ao conceito que se queria”.

“A gente não tem essa visão até fazer as cadeiras de didática”, comenta. Paula lembra o impacto, quando entrou na faculdade, por se sentir ignorante frente a tudo aquilo que os professores desenvolviam nas aulas: “Eles achavam que a gente sabia tudo e davam correndo os conteúdos”. Mas a cada novo exemplo do orientador para desenvolver esse ou aquele tema de Química durante a preparação das aulas do estágio, a jovem percebia que havia outras formas mais eficientes e simples de ensinar. Por isso tudo, para ela, as didáticas surgem nas licenciaturas como um ritual de passagem da visão mais dura e fragmentada dos conceitos e temas específicos para um tratamento mais interativo e que leva em consideração aquilo que o aluno já sabe.

**Vida dupla** – Ainda que seja lugar-comum dizer ‘nem tudo são rosas’ para ilustrar um outro lado das licenciaturas, essa é a ideia que fica quando Paula faz algumas críticas. A primeira é a maratona entre os câmpus do Vale e do Centro para assistir às aulas e práticas nos laboratórios do Instituto de Química e às aulas e orientações de estágio na Faculdade de Educação. “Esse era o pânico da gente, sair às 17h30min do Vale para conseguir chegar ao centro e assistir à aula na Faced às 18h30min, ficando até as 22h”, lembra. “Era bem puxada essa vida dupla”, acrescenta.

Por outro lado, a doutoranda considera que as licenciaturas deveriam ter um número maior de disciplinas de didática a serem oferecidas já desde o início dos cursos. As saídas de campo também poderiam ser mais frequentes, assim como as observações das futuras turmas de estágio. Em sua avaliação, um mês é muito pouco para observar a dinâmica de uma turma e conhecer as características de alguns alunos. Paula reconhece, entretanto, que nem sempre a observação é garantia de conhecimento pleno do futuro aluno, pois toda relação pressupõe também a figura do professor e a forma como ele interage com o aluno, ou como propõe o trabalho durante as aulas.

Isso ficou claro quando, em uma das turmas que observou, conheceu um aluno apontado como ‘aquele que não aprenderia nunca’. Depois de algum tempo de convívio, Paula chegou a outro diagnóstico: “Ele não participava e ficava agitado porque não estava interessado nas aulas”. Além de buscar planejar aulas mais interessantes e próximas do cotidiano dos estudantes – como perguntar a eles se conheciam o material com que eram feitas as rodas de skate, para estudar ligações químicas –, a estagiária buscava se aproximar de seus alunos.

Aproximação que se comprova durante a entrevista, pois, de súbito, a conversa foi interrompida para o abraço na ex-aluna que passava por nós e não se conteve para um ti-ti com a jovem professora, que pretende voltar à sala de aula depois que concluir o doutorado: “Quero lecionar na universidade”, termina.

# Que profissional queremos formar?

A pergunta é de Selma Garrido Pimenta, que desde 1989 coordena o Grupo de Estudos e Pesquisas sobre Formação do Educador, junto ao Programa de Pós-graduação em Educação da Universidade de São Paulo. Doutora em Educação e professora titular da Faculdade de Educação da USP, ela é referência em didática e formação de professores, tendo publicado vasta bibliografia sobre esses temas. Atualmente, suas pesquisas concentram-se no campo da pedagogia universitária e da docência no ensino superior, aspectos que também abordou durante entrevista exclusiva ao JU.

## Quando e com que objetivos começaram as licenciaturas no Brasil?

Esses cursos tiveram início na década de 30, mais precisamente com a criação da Universidade de São Paulo, em 1934, e, na sequência, em 1939, na mesma universidade, quando foi criado o Departamento de Pedagogia. Eles foram constituídos com a finalidade de formar professores para o então ensino médio. Já naquele momento a licenciatura contemplava a formação em áreas específicas, como a Biologia, a Química, a Física, a História, a Geografia, etc. No entanto, não era da competência desses cursos resolver uma questão que já se fazia presente nessa época: a desvalorização do trabalho de professor, considerado mais uma vocação, um dom. Na verdade, não se assumiu claramente na cultura brasileira o exercício da docência como profissão. Resquício também da tradição católica, influenciada pelas ordens religiosas, que formavam muitos professores em seus quadros numa concepção missionária. A partir dos anos 60, temos um elenco cada vez maior de reivindicações pela expansão do ensino público, até então basicamente reservado a pequenos segmentos da elite dominante. Com esse

crescimento, ficou cada vez mais evidente a necessidade de o professor assumir essa atividade como profissão. No entanto, isso não ocorreu de fato, porque hoje a profissão docente é uma das menos valorizadas socialmente e, portanto, menos consideradas na sua complexidade em termos de valorização profissional e de condições de trabalho.

## Como a senhora avalia a evolução das licenciaturas?

Os cursos de licenciatura expandiram-se enormemente na década de 70. De um lado, por causa do crescimento da escolaridade básica pública, e, por outro, devido à intensa abertura de cursos de nível superior, que teve seu boom na década de 90, quando passaram a ser oferecidos fortemente pelo setor privado. À época, o governo Fernando Henrique fez um pacto com os donos de escolas privadas, seus grandes financiadores de campanha. Pressionado por forças externas, especialmente o Banco Mundial, o governo tinha de ampliar a escolaridade básica pública. Como recompensa, as escolas particulares poderiam abrir faculdades. O que acabou acontecendo em larga escala, sendo que a totalidade das faculdades criadas oferece cursos de licenciatura por serem mais baratos.

## Qual a configuração da escola atual e no que ela tematiza a prática docente?

A ampliação das escolas de educação básica trouxe ao ambiente escolar alunos antes excluídos. Essa inclusão, junto com o quadro que já tracei sobre o panorama da licenciatura e das condições de trabalho, trouxe desafios enormes para os professores. Desafios porque levou à escola um segmento de alunos na sua maioria egresso de uma sociedade que já os punia, deixando-os à margem de uma formação cultural. Temos aí o

cenário perfeito para que, na sequência dos anos 90, o estado neoliberal desenhasse a formação escolar em nosso país: de um lado, professores formados em escolas mal equipadas, muitas vezes em cursos de finais de semana ou só no período noturno, sem a possibilidade de fazer estágio; de outro, uma expansão necessária das vagas nas escolas públicas de educação básica. Some-se a isso, o baixo salário e a pouca valorização do trabalho docente nas escolas. Esse é o tripé dos problemas atuais da escola no Brasil. É nesse contexto que precisamos olhar os desafios da didática e dos cursos de licenciatura. A didática é uma área do conhecimento que tem por objeto um ensino que resulte em aprendizagem. Nos anos 70, ela era vista como uma disciplina do curso de Pedagogia e das licenciaturas que abordava somente técnicas de ensinar – ideia que persiste. Mas a didática não se resolve na formação do professor com a questão da técnica de ensinar, pois a técnica supõe as concepções de ensino e aprendizagem com as quais ele está trabalhando. O ensino é um fenômeno complexo porque é trabalhado na relação professor-aluno, mesmo que mediado por tecnologias. E essa relação envolve o desenvolvimento da capacidade de pensar, os posicionamentos que o professor tem diante do conhecimento do qual ele é portador. Uma colega criou uma expressão interessante: 'ensinagem', considerando que o ensino tem que resultar em aprendizagem. Nesse sentido, o desafio do professor é fazer a mediação reflexiva com os alunos na sua relação com os conhecimentos presentes nas várias áreas e na sociedade.

## Como ocorre a identificação profissional dos professores do ensino superior?

No ensino superior, a gente tem uma outra complicação. Enquanto a forma-

ção do professor para a educação básica está regulada por lei, pois o exercício da profissão só é permitido com titulação adequada, no ensino superior isso não está posto. O docente universitário, ao ingressar nas instituições via concurso – e aqui vou pegar o exemplo da escola de jornalismo –, ele dorme jornalista e acorda professor, como se na madrugada ele aprendesse a ser professor de jornalismo. Transformar a *matéria de ensino* de qualquer área em *matéria de ensino e aprendizagem* requer conhecimentos específicos, que estão presentes na didática e nos cursos de licenciatura. Para ilustrar, gosto de lembrar o que eu e meus colegas dos cursos de licenciaturas ouvimos de nossos alunos: "Puxa, seria muito bom que os nossos professores da universidade tivessem feito esse curso". Mas isso não é culpa desses professores, eles são parte dessa desqualificação que acontece no Brasil. Porém, é muito importante que os docentes universitários se perguntem: que profissional queremos formar? Quantas vezes vemos calouros de Medicina, por exemplo, optarem por uma especialidade só por ser mais lucrativa. E aí, qual o compromisso das faculdades de Medicina? O que estou colocando é que a questão pedagógica não é apenas do professor da disciplina 'x' ou 'y', mas é uma questão do currículo dos cursos de formação de profissionais. Ensinar é uma questão de valores.

## E quanto à evasão nas licenciaturas?

Essa evasão ocorre principalmente quando os alunos licenciandos começam a fazer estágio, a ir às escolas e ver as realidades. Muitos deles decidem aí que não querem prosseguir no curso. Por outro lado, outros decidem por causa disso. Por isso se diz que o estágio, quando a gente o faz bem-feito, contribui para a construção da identidade dos professores. Ao

mesmo tempo, temos clareza de que não estamos valorizando uma perspectiva salvacionista na qual o professor será o grande modificador dessa realidade. Algumas universidades no Brasil mantêm convênios de seus cursos de licenciatura com escolas e estão tendo bom resultado, porque aí você tem um projeto conjunto em que o aluno licenciando começa a compreender a escola e a fazer estágio desde o início do curso. Então, há universidades que estão tomando a realidade existente nas escolas como ponto de partida e ponto de chegada das licenciaturas, e aí as disciplinas das licenciaturas ficam mais interessantes, porque elas têm essa relação do saber elaborado conversando com a situação de realidade dos estudantes, dos professores e das escolas.

## A senhora identifica alguma tensão motivada pelo preconceito entre os cursos de bacharelado e de licenciatura?

Sem dúvida, e esse preconceito é marcado pela desigualdade entre pesquisa e ensino. Em geral, o pesquisador se identifica como tendo mais status, e a própria sociedade valoriza mais o pesquisador do que o professor. Por outro lado, no âmbito das universidades, a pesquisa também é mais valorizada na perspectiva das agências de fomento. Quando fui pró-reitora de graduação da USP, criamos programas em que trouxemos a pesquisa para o ensino, onde ela também é necessária. Isso causou estranheza porque, para criar esse programa, precisávamos de verba, e havia até quem dissesse: Como, essa pró-reitora está inventando a pesquisa na graduação? (risos) Não, essa pró-reitora tem uma concepção de ensinar e aprender na graduação que não dissocia a pesquisa do ensino. Portanto, é preciso valorizar a pesquisa no ensino de graduação, o que significa valorizar o ensino da graduação.



É na sala de aula que se deve encarar os desafios da didática e dos cursos de licenciatura